TL 6848-2

bIoGrAfIa

(UM AUTO-EXCLUSIVO PARA A CDPM)

Manatuto, logo depois da guerra, só tinha para se orgulhar as ruínas do Colégio de Santa Isabel, actuando como o hifen entre dois períodos históricos da presença portuguesa.

Como ponto de paragem obrigatória para Soibada, Manatuto recebeu também a influência, cativante para alguns e escravizante para a maioria, do ensino e sobretudo da religião.

Madres ensinavam no colégio bordados e crochés, desfiados e cortes, que faziam das mãos daquelas raparigas indígenas, que até conheciam histórias do antigo testamento e não falhavam na cara dos apóstolos e santos, e possìvelmente assinavam já cartas de amor entre as lições da culinária, um poderoso atractivo para os jovens amestrados em Soibada.

Natural de Laleia, uma pequena elevação torrada ao sol, de pedregulhos baptizados que eram morada certa dos 'lulics', denominados demónios na igreja mas recorridos como a oração ao 'anjo da guarda', meu pai, único filho de uma familia de camponeses pobres, foi colocado em Manatuto, depois do curso de mestre-escola. Lá casou-se com a minha mãe, originária também de familia pobre, que de camponeses, só tinham a sua força de trabalho para vender aos donos das várzeas.

Nasci em Manatuto e, segundo minha mãe, foi numa noite em que não se distinguia se ainda era do dia 20 ou já de 21, de um Junho costumeiramente tórrido para amadurecer os arrozais.

Dois anos antes, nascera a minha irmã Felismina que talvez estivesse já apreciando na altura o encanto das crianças, nas tardinhas mornas de uma vila costeira: um prato de barro fumegando a canja com gafanhotos da várzea, em tempos da colheita, ou o infalível 'balichão' ou ainda conservas maríti - mas que levavam o cheiro das algas até aos sonhos entre histórias de crocodilos e gritos de susto ao contacto pegajoso de polvos mortos.

Só a Biblia e o colonialismo da civilização puderam destruir as raízes que prendiam os timorenses ao seu lar, ao seu par de cabritos, à sua horta, aos locais sagrados das suas crenças. Meu pai foi colocado em Lacluta, devia eu ter entre 1 a 2 anos.

Nas íngremes e sempre enevoadas encostas da cordilheira de Bibileo--Aitana, nasceu uma outra irmã, Lúcia.

Mas também cedo, meu pai foi transferido para Ossú. A única lembrança que ainda retenho vivamente é uma viagem a cavalo, possìvelmente com o meu pai, pelo leito arenoso de uma ribeira e sob o gemido tristonho dos 'kakeus', respondendo ao desconsolo das rolas pequenas que sempre imprimem uma penetrante melancolia bucólica à solidão dos ermos.

Ossú, um vilarejo arejado, com um castelo que nos fazia acreditar que tivesse na verdade existido o castelo de Guimarães, o berço de uma Nação de brancos, que conheciamos pela cara dos padres, irados nas missas e violentos nas escolas, e de chefes de posto, que até eram cabos, de uma tropa que não imaginávamos.

Uma infância ... de sonhos, para a altura! Ser mestre-escola era uma credencial magnífica, para se apreciar o 'respeito' de todos, a 'amizade' dos 'liurais', a 'confiança' dos chinas. Velhos Chevrolets espantavam búfalos sonolentos, atiçavam cães, faziam voar espavoridas galinhas barulhentas e, das poucas casas da vila, as crianças saíamos a correr uma vez em três meses para a loja ... para cheirarmos a civilização nos vapores quentes a gasolina e do mau cheiro da copra que nos fazia vomitar mas nos fixava, atraía, até regressarmos noite caída à casa para umas boas palmadas do pai, entre as histórias maternas, para parar as lágrimas, de bandidos que procuravam crianças para dar de comer às máquinas.

60 patacas, era o salário de meu pai, ouvia eu muitas vezes das conversas ora cheias de carinho ora timbradas de rixas, habituais talvez à falta de recursos. Mas uma infância feliz, na liberdade de correr pela relva macia que tanto me fez amar Ossú, de chuvas lamacentas e de um clima temperado e saudável. Uma concha aberta mas apertada entre Mundo Perdido, Mau, Laritame e Builó, onde a Missão tinha as hortas, para onde iamos os alunos para a colheita do milho, e nos assustavamos com os sanguessugas que se levantavam infindáveis, do cheiro fértil e cioso das folhas e ramos apodrecidos à espera da benção da natureza.

Minhas duas irmãs passaram a ser internas do colégio das Madres. Eu era o chefe da fila de umas tantas raparigas, as bençãos de Deus que negavam ao meu pai as rezas por um novo mancebo. Tinha muitos 'deveres', invejando outras crianças da mesma idade, pois em casa tinha que cuidar das pequenas. E fugia à busca da companhia de rapazes.

Os padres causavam medo. As madres, italianas na maioria e que me faziam acreditar em anjos, eram umas santas ... e amigas da família.

Meu pai assinava (ou recebia) revistas católicas, Flama, Noticias de Portugal e mais outros. Lia, ele gostava muito de ler. E comecei a ler com ele ... pequenas histórias. Minha mãe contava histórias da ocupação japonesa, histórias dos avôs, de um irmão dela, meu tio, que era telefonista e já conseguira colocar-se em Dili e que era a nossa esperança ... para romper com aquele pequeno mundo e, segundo meu pai, ser um bom português. Meu pai assimilara 'os beneficios da civilização'. Não eram grandes, enfim, mas que permitia ter muitos filhos e vesti-los a todos e educá-los.

Eu era já rebelde por natureza e os açoites da educação eram dores passageiras. Meu pai ganhava um "part-time" como controlador na fábrica de queijo e manteiga do Sr. Ricardo. Uma infância feliz, uma infância cheia de prendas ... de compadres e afilhados ... do mestre-escola. Meu pai discutia o Plano de Fomento, nos seus círculos ... de uma vila de poucos assimilados, falava de Salazar, como se o tivesse conhecido em Soibada. Eu admirava meu pai, já na altura. Comprou um cavalo e lá foi a umas eleições em Viqueque. Não era político, era assimilado, que tentava cortar os laços entre os seus filhos e uma cultura pé-descalça. Meu pai não era orgulhoso. Simples, reservado, comedido e de princípios e eu gostava tanto daquele perfil, erecto, seguro de si, com o seu inseparável chapéu que me permitia distingui-lo ao longe.

Meu pai pertence àquele anel da cadeia de uma presença colonial em Timor Leste. Num período especial, o de pós-guerra em que um punhado de mestre-escolas, recebendo uma miséria, ajudou o poder colonial a recultivar uma noção, a reforçar o domínio, violado, da cruz e da espada, imperceptivelmente mas lado-a-lado com o poder feudal.

Não poucas vezes, presenciei no posto administrativo, as chicotadas a presos gemendo sobre pedrinhas e ao sol e com os pés algemados.
Não poucas vezes também, nas minhas fugidas às 'guardas' com os filhos dos liurais, colegas da escola, presenciei ordenanças e moradores saindo ou regressando com o 'bando' trazendo infractores ensanguentados, por faltarem aos trabalhos forçados nas estradas ou aos turnos obrigatórios de prestação de serviço como 'asu-lear' em casas dos colonialistas, chinas e assimilados.

Um dia, regressado da escola, vi minha mãe deitada em soluços, inconsolável. Tinha morrido o tio telefonista, talvez a única esperança para mim porque teria uma casa em Dili que me acolheria para continuar os estudos. Depois dos exames da 4a. classe, o problema surgiu criando preocupações ao meu pai que desejava que o seu único filho varão, entre 7 que éramos, fosse alguém. Não havia alternativas: "Vais para o Seminário!" Mas eu não queria ser padre, nunca vira um padre timorense e os padres brancos metiam-me medo, e tinha tanta raiva deles por nos baterem tanto na escola. Mas tive que aceitar.

Fomos a Dili, na altura chamava-se ainda 'praça'. Uma praça poeirenta a cheirar a excrementos de porcos soltos focinhando nos esgotos fétidos, que eram o habitat ruidoso de patos marrecos e de cães esfomeados.

Uma palhota apodrecida de palapas carcomidas, com um balcão sebento de madeira de caixote, chamava-se loja. O proprietário,chinês, vendia petróleo e fritos do arroz que sobrava das suas refeições, e roupinhas de criança , feitas dos saiotes já impuros da mulher gorducha que usava calças redondas de um azul sem cor que nem o sabão do óleo de copra, que se fabricava em Baucau, lhes conseguia tirar as nódoas.

Autorizou-nos a arrumar o colchão e a mala e uma lata de doces, detrás do balcão. À noite, tínhamos, o meu pai e eu, a varanda poeirenta para compartilhar não só o colchão como as nossas angústias, mastigando o pão com sardinhas de lata. Sempre éramos mais assimilados que o chinês! Sentia-se isso ... nos suspiros do meu pai!

Percorremos casas de amigos, de possíveis parentes, fomos umas tantas vezes à Câmara Eclesiástica. Um sol insuportável de Julho de 1958. Ninguém estava em disposição de me aceitar.

- 'Não temos escolha, vais para o Seminário, porque não podes regressar comigo.Tens que continuar os estudos.'

Nunca me lembrei de perguntar depois onde e como meu pai dormiu naquelas noites, antes de poder encontrar um carro de volta a Ossú. De certeza , no chão da varanda daquela loja acolhedora, que nos dava água, tirada do poço detrás da casa.

Não fui aluno aplicado, como nunca fora na Primária. Os terços nocturnos e constantes novenas e rezas em casa ... adormeciam-me! No Seminário,lembro-me de nunca ter excedido 13, raras vezes conseguido, no comportamento. Nunca fui admitido nem sequer a aspirante a Filhos de Maria e, como vingança,ao sair do Seminário roubei uma fita das grandes que eram reservadas já para os devotos, normalmente conseguidas já 1 ou 2 anos antes de se ir para o Seminário Maior de Macau.

Conheci um padre homo, que me revoltou e ajudei a expulsá-lo para vir a tornar-se capelão de uma prisão em México.

Porque os anteriores a mim, chegados a Macau sabiam mais inglês e francês do que a língua da Igreja houve uma brusca e irreparável alteração nas matérias e supressão do francês e inglês, nos anos em que devíamos aprendê-los, pelo aumento de horas de latim e religião. O Pe. Jacob Ximenes incentivou as discussões sobre temas de religião e eu gostava de ser "protestante, incrédulo, ateu". Ensinou-me a desenhar e sempre me recorria ao Domingos Cunha para melhorar as minhas pinturas e procurava competir com a beleza dos cenários do Ricardo, meu colega de classe.

Desde o 1o. Ano, o Padre Leoneto já me conhecia a total inabilidade para a música. O Padre Isac, um grande amigo. Se devo a meu pai o gosto pela leitura, devo a ele o gosto pelo português.

Seminário era uma prisão de menores, com todas as inconveniências sexuais, face a uma puberdade sem cheiro de mulher.

Roubava Flamas, Notícias de Portugal, e passava horas ajoelhado no quarto-gabinete do Pe. Zuloaga, que se obstinava em fazer-me padre.

Em 1962, foram as primeiras férias grandes, já em grupos, por missões a que pertencessemos e onde estivessem os nossos familiares.

Meu pai fora transferido a Baucau. Visitas pastorais com o Pe. Brito, uns dias em casa, piscina. Eu gostava muito de nadar e apareciam raparigas de Dili e nós (Mário Belo, Zé, Carlos de Sá entre outros) apressávamo-nos a regressar. Que estupidez, pensava eu! Fingi-me doente e fui para a casa. Ia à piscina enquanto outros prosseguiam as visitas pastorais. 'As minhas férias', era 1a. redacção daquele último ano lectivo no Seminário. Pe. Isac chamou-me para o quarto dele: "Não te dou muitos meses mais!" - "Mas isto é apenas uma redacção, padre!", protestei ...

Pe. Rábago deu-me dois meses para meditar e foi meu educador sexual. Tenho muito a agradecer à amizade e à confiança deste Pe. que, mesmo fora do Seminário, me continuou a ajudar com conselhos.

Não me lembro se foi uma surpresa para meu pai quando entrei em casa, em Manatuto, para onde fora de novo transferido. Já em Ossú, às portas dos exames saí da casa e fui a Viqueque com a comitiva para os festejos na ida para lá de um Secretário do Estado ... qualquer. Na terceira noite fui acordado e obrigado a regressar com o Pe. superior da Missão.

Os castigos não me corrigiram e talvez meu pai nunca se convencesse de que eu demoraria tanto tempo no Seminário. Na verdade, logo nas 1as. semanas, assustados com o ambiente do retiro, no 2o. e 3o. dia planeáramos fugir de Dare. O Afonso Redentor seria o nosso guia. No 4o. dia, o dia escolhido para a fuga, que seria à tarde logo depois do almoço, foi já permitido falar, brincar, jogar e esquecemos o plano.

'Quero ir ao Liceu', dissera ao Pe. Rábago. 'Hás-de pedir a equivalência e só podes matricular-te para o ano. Tentarei ajudar-te', - prometeu-me.

O que eu não sabia era que, fora daquela prisão - antecâmara para santos, a vida mudara ou, melhor, evoluíra ... para pior!

Admiro o espírito de sacrifício do meu Pai, admiro a capacidade de administração da minha Mãe. Eu era mais uma boca e não era pequena. A minha irmã, a Felismina, já ajudava a familia com os seus 300 mensais, ensinando a

Pré. O meu pai com os seus 700 mais uns miseraveis abonos por cada boca ainda em idade escolar, tinha-nos a nós todos, 2 rapazes e 6 raparigas.

Fui chamado por um tio, que escrevera ao meu pai prontificando-se a receber-me em casa. Comecei a aprender francês com o Mariano Lopes. Mas muito cedo determinados problemas, na casa que me acolhera, obrigaram-me a regressar a Manatuto. Consegui trabalho. De manhã, como desenhador topográfico da MEAU e à tarde ensinava na Escola China.

A minha mãe guardava o dinheiro, o que me permitiu ir de novo a Dili,no ano seguinte, tentar o Liceu nocturno e procurar trabalho.

Não consegui equivalencia, tal era a disparidade das matérias e tinha apenas o 3o. do Seminário. Devia começar pelo 1o. ano, talvez tivesse sido melhor começar por ali ... mas a vida tinha a suas necessidades. Da parte de manhã, praticava dactilografia nos serviços de saúde. Em 1964, abriu-se um concurso, depois de um ano de pratica e de mais de meio ano de trabalho sem remuneração. Eram 15 lugares de escriturário. Eu estava confiante. Fiquei em 12o. e só se podia admitir 4!

As primeiras desilusões ... da vida! Os primeiros sentimentos de revolta! Porque só as mulheres, mestiços, filhos dos grandes, têm as preferências?

Muitos colegas meus, com o 1o. ano do Seminário, alistaram-se no CSM, uma outra escolha como fora o Seminário! Não, não queria ser tropa! Regressei a Manatuto.

Meu pai andou a vida a viajar mundos daquele estreito mundo e nem tinha um pedaço de terra para um pé de milho. Quando ia apanhar lenha com a Lúcia e a Celina, para la das várzeas, desejava ter cavalos e milhares de cabeças de gado, como os cowboys nos filmes do Sporting. Meses depois, recebi um telefonema. Era o Pedro Melo, o meu melhor e inseparável amigo. Comprava revistas, tinha livros e assinava tambem um jornal monárquico, (de que já não me lembro do nome). Solteirão porque o Osorio lhe roubara a namorada, muito metódico e nunca se zangava. Era o amigo que sempre me abria a porta, quando cansado dos 'kore-metans' e das rixas entre amigos, eu ia procurar 'relax' , leituras e debates.

Só a Elvira Neves e o António Quintão tinham aceite começar a receber 30 escudos por dia nos primeiros 3 meses. Todos os outros recusaram até o 11o. e, por isso, fui chamado. Recusei aquele periodo de experimentação, porque já ali tinha trabalhado a responder por uma secção sem remuneração, mas tive que aceitar.

3 meses depois, nada de aumento. Protestei, mas fui obrigado a aguardar mais outros 2 meses. Uma metropolitana, esposa de um furriel, fora admitida como aspirante. Estava à espera de bebé e passava o tempo a fazer malhas!!! Meses depois, novo aumento para a Elvira.

Sabia que os protestos não valiam, pois o chefe, o Inspector Matias, até já me conhecia antes, quando apenas éramos três, naquela Repartição da saúde, o Carlos Lemos, chefe da Secretaria, Fernando Santos e Silva, aspirante e chefe da secção da Contabilidade e eu, na secção da Estatística, trabalhando também para ambos, sem remuneração, por mais de meio ano.

Comecei a entrar tarde e a sair cedo para fazer corresponder o tempo ao salário. O Inspector berrava e eu gritava. Tres meses depois, Elvira recebia o vencimento inteiro. Disse ao Quintão para fazermos uma exposição, mas ele não aceitou. Fui direito ao gabinete, insultei o chefe e quis dar-lhe um murro. Fui despedido. Deixei o Liceu porque não podia pagar as propinas.

Morava em casa de um velho pescador. Com o sobrinho dele, à noite roubavamos 'beiros' e íamos ao alto mar deitar anzóis. Regressávamos ao alvorecer vendendo nossos peixes frescos, normalmente aos chineses.

Se havia dias com sorte, havia-os também que lutavamos contra correntes e ventos, chegando à praia sem peixe, esfomeados e esgotados.

Percorria as repartições à procura de emprego. Recomendaram-me a Rep. do Gabinete. O Capitão Carneiro (se não estou em erro) era chefe do Gabinete. Habilitações, o que sabes, já trabalhaste alguma vez, como te chamas ... "Gusmão, na saúde". - "Ah! Gusmão, o que dizes, saúde? Oh! Contínuo, traz-me a nota de Saúde sobre Gusmão!" Percebi ... pedi desculpas e fui ter com o mar.

Contava as reverências que eu fazia, mastigava as palavras que me proferiam os brancos. Colegas eram admitidos com tanta facilidade ... eram filhos de funcionários, graúdos ou traziam sangue que lhes permitia falar o português com a lingua entalada. E engrossávamos, o número de pensantes, entre noctívagos das "tintanas" e frustrados. Não eramos zaragateiros nem violentos. Havia os 'virgens' saidos do Seminário que se recolhiam ao entardecer , havia os mestiços fala-baratos, havia os trovadores desafiando os cães e inquietando corações cujos pais saiam com insultos e ameaças, havia de tudo , em rostos jovens que sabiam que o amanhã teria que ser qualquer coisa contada em notas de escudos.

Tanta vez tinha que pedir desculpa por pedir trabalho e agradecer aos berros.

1965. O mar tornou-se avarento e indomável. Fui trabalhar como conferente da SAPT nas descargas de navios. Esgotado físicamente, fui buscar refúgio e descanso em Manatuto. "Só te lembras da casa, quando estás doente" disse o pai. - "Não demoro aqui!" respondi. Recuperado, voltei para vender peixes ao alvorecer daquelas praias de Lecidere e Bidau, que se tornaram num trilho salgado e cheio de murmúrios do mar ... na minha vida. Consegui finalmente um emprego na Sociedade, como desenhador de construção civil. Voltei ao Liceu nocturno para terminar o 4o. Ano.

Não foi toda tristeza esta juventude difícil, entregue a mim mesmo para vencer. O desporto que era a minha paixão ajudou-me a adquirir o bilhete para as folias e festas, num desporto 'passa-tempo', em que a União era conhecida como 'propriedade indígena', de jogadores vadios, bêbados e de 'kore-metan', bilhete que permitia que em qualquer bairro, em qualquer festa de casamento, em qualquer baile de aniversário, entrassemos sem pagar ... e nos serviam sorrisos ... sob os acordes pungentes do violino do Abril Metan, que se extasiava a ver velhos pares regressados aos tempos da juventude, no meio de uma outra juventude irriquieta que lhe roubava as filhas nos bailes e andava aos murros de vingança depois das festas.

Saiu um concurso para escriturário, ~~classe,~~ na Administração Civil. Concorri e foi o meu primeiro emprego decente. Despedi-me do velho pescador que só sabia sorrir, mesmo que o mar teimasse em privá-lo das sardinhas que ele ia buscar onde as ondas começam a florir.

Justino Mota, era um dos com os quais as injustiças, as dificuldades de um futuro condenado a um funcionalismo miserável, as poucas opções, o grande impulso económico concedido aos chineses, eram já tema obrigatório nas conversas. Mas fui arrumando a vida. Comprava livros e lia. Minha mãe e 4 irmãs foram morar comigo. A Lúcia ensinava no Lar. Na noite da Páscoa de 1968 regressei bêbado e ... a barraca foi incendiada ... um pedaço de vida que viera do pó e se tornara em cinzas ... ~~Em 1968~~ Meses depois, a Administração do Concelho mandou uma nota de recrutamento e em Agosto entrei para a tropa. Já não podia evitar ... e fui fazer continência a antigos colegas do Seminário e do Liceu. Em 1970, casei-me no Notário, depois de insultar padres. O pai da Emilia, desde Setembro de 68, que a proibira de continuar o namoro. Expulsou-a da casa, em principios de 69. Inexplicável ... por eu ser apenas soldado? por eu ser pobre? Por eu ser natural? Só ele sabia e sabe ...

Levei para a tropa e sai com ele, o espirito contestatário e desobediente. Contudo, aprendi também a fazer o que não desejava, o que não gostava.

Consegui 'passar à peluda' antes do tempo, nos inícios de 1971.

Funcionalismo era uma necessidade de sobrevivência, era uma sensação de categoria, era a entrada para o elitismo que se alargava, na 'sociedade timorense' ... da geração anterior reduzida apenas a uns tantos encarregados do posto, enfermeiros e régulos.

O que custava tanto encontrar na década passada, era já uma verdadeira lotaria. Se, antes, os conhecimentos embora muito circunscritos eram a garantia, continuavam a sê-lo na década de 70 e muito mais eficientemente. Porque a elite timorense se ampliava e subia degraus na máquina burocrática do

Estado.

Na tropa, a classe de sargentos aumentava também e continuava sendo um chamariz.

Sinais dos tempos, aquilo tudo? Desenvolvimento, aquilo tudo? Funcionalismo, a única marca viva da civilização!

Conheci Borja da Costa na tropa. Muitos dos anteriores amigos do Liceu e das folias iam constituindo família. Era normal que os que constituiam família se iam desligando das conversas à margem das ruas, tornando-se mais caseiros. Contudo, um Justino Mota, como alguns outros, sempre tinham tempo para uns bate-papos ... de descontentamento. Outro grupo de jovens cedo se formou e era costume encontrá-los na avenida marginal, contando fofocas sobre a sociedade.

Chineses e a sua conhecida diplomacia de sorrisos e envelopes, chefes de serviços e suas integridade e capacidade profissionais ou o contrário, Governadores e suas políticas, os impostos e os preços, o 'terrorismo' nas provincias africanas, o dia-a-dia do funcionalismo, etc., eram assuntos que tomavam ainda e apenas um carácter de insatisfação, um desejo simplista de que os brancos fossem embora, sem contudo imaginar nada mais para além disso.

Convenci e ajudei o meu pai a fazer uma exposição pedindo para se ser considerado o tempo de serviço prestado. O Bispo Joaquim Ribeiro respondeu em carta pastoral que quem não estivesse satisfeito, saísse, a Missão não tinha dinheiro! Senti-me culpado!

Um funcionalismo rotineiro, improdutivo, falso, era a nossa percepção sobre aquele imperativo, uma necessidade sem mais escolhas. Borja da Costa começava a escrever uns artigos e dava-me a ler, trocávamos impressões e convenceu-me.

Não eram artigos incisivos, eram metáforas da situação, que desejavam esboçar uma sociedade de 3 mundos, dos colonialistas, dos assimilados e da população. A censura deu sinal de si e apenas publicou 2 artigos dele em que foram poupadas sòmente as descrições imaginárias já sem conteúdo ... desistimos. Estava enjoado do funcionalismo, queria libertar-me do dever de suportar as indisposições dos chefes, das amarras que me obrigavam a servir directamente aquele regime que nos estava apenas a fechar a boca com o pão de cada mês.

A história do velho Tinoco que respondera a um Governador afirmando que "ainda bem que Timor era um 'beiro', onde todos metiam água mas não se afundava", era como que um 'slógan'! Uma Assembleia Legislativa de membros que só sabiam assinar os documentos, um deputado como Manuel Carrascalão que pedira mais aviões, do major inspector que fora obrigado a regressar como 'maluco', de outros inspectores que chegavam para não revelar resultados, das pontes que iam abaixo, do petróleo que nunca mais se sabia se existia ou não, a minha participação pessoal numa mesa eleitoral em que fomos mandados colocar a cruz à frente dos ausentes para que chegássemos a 60% pois, a nossa lista apenas tinha pouco mais de 20%, as guerras em Africa que estavam a custar a vida a muitos soldados portugueses, tudo isso era sentido com desconforto e impotência. Desconforto por se sentir que estavamos apenas a ser amansados e não podiamos romper com aquelas cadeias. Impotência, primeiro porque já não concebiamos nada mais além daquilo e percebiamos que nada mais também podiamos fazer que perceber a situação em si. O regresso dos desterrados a Angola foi um novo tópico, na busca de compreender o que se passara em 1959. Na altura, no Seminário, apenas entendia que houvera quase uma guerra. O termo PIDE começou também a ser conhecido, a partir da altura.

O aumento do contigente militar e a obrigatoriedade do serviço militar, a criação da 2a. linha, eram percebidos na necessidade de conter eventual revolta dos timorenses.

Os regressados de Angola eram 'heróis'. Já antes gostava de ouvir as histórias contadas às furtivas, pelos velhos moradores de Dili - a velha elite formada por enfermeiros, empregados da imprensa e alguns reformados, sobre o caso do 59 em Dili, a sede da União queimada e o porquê de aquele Clube se tornar no símbolo do sentimento anti-colonial e por vezes racista.

Quis ser livre de cumprimentar o branco, quis ser livre de curvar a cabeça como tantos velhos funcionários, para dar de comer e garantir educação aos filhos.

Tentei pedir empréstimo para começar a vida como agricultor. Alves Aldeia que fora meu comandante de sector, disse-me sem antes tentar persuadir-me a desistir da ideia: "Tu conheces-me. Eu sou militar. Se os serviços de Agricultura concordarem com o teu plano, eu só terei que aprovar."

Mário Carrascalão, o chefe da Agricultura fora a Tomar participar na reunião de ANP que devia ser o partido oficial da altura.

O casal de engenheiros, que substituia temporàriamente Mário, acolheu com grande entusiasmo e regentes agricolas me confessavam: "Aqui, recebemos casa, carro e dinheiro e vegetamos. O que aprendemos ficou morto. Conta connosco no teu projecto, não te pedimos remuneração, porque será uma oportunidade para nós desenvolvermos o que aprendemos." Inclusive o casal me disse: "Vai para a Região de Lois, já examinámos o solo, é muito produtivo. O problema é que terás que esperar pelo chefe, nós não podemos decidir nada."

Mário Carrascalão não concordou e exigiu-me pedir mais. Fiz-lhe entender que eu não estava disposto a pagar dívidas que não fossem para a minha utilização. E morreu assim a ilusão de não me depender directamente daquele poder de brancos. Não, eu não era racista. Não sou.

Veio o 25 de Abril. Paradoxalmente, fiquei assustado. Independência? Como? Aquela elite timorense não era elite, mas um amontoado de funcionários que, nas conversas habituais, pecavam por utilizar, "para os devidos efeitos", os "considerando que" ... Miséria do destino! Admirava-me do entusiasmo febril de muitos colegas e amigos. Ouvia falar de RH que começava a perorar em público. Ele não era ídolo, mas admirava a sua coragem e a sua imagem de contestatário 'oficial' tornava-o conhecido e respeitado.

Aquela liberdade de escolher tolhia-me os pensamentos. Escolhi o mais fácil. Fugir dali, não queria imaginar aquela gente governando Timor. Fui para a Austrália procurar um emprego para ajuntar dinheiro e talvez regressar algum dia.

Amigos ajudaram-me a tratar dos papéis lá. Voltei para ver se levava a família. Justino e Borja foram os meus mais acérrimos perseguidores. Simpatizava-me com a Fretilin mas a perturbação por um futuro entregue à nossa incapacidade abalava-me. Contudo, fui cedendo aos poucos perante os contínuos assaltos dos colegas. Chico Lopes procurou convencer-me a ir para a UDT. Agradeci-lhe o almoço e as cervejas do Hotel Baucau.

Eu sabia que não servia para muito. Fui trabalhar na construção civil como operário. Recebia 40 escudos por dia e fiquei revoltado que velhos pedreiros-mestres recebessem menos que eu. Procurei convencê-los a protestar. Aconselharam-me: "Não penses nisso, filho. Olha ali para baixo, vês aqueles,ali? Andam à procura de trabalho. Se protestamos, somos despedidos e eles não se importam de vir a receber 20$00, para comprar mandioca para os filhos".

Os ferreiros iam ser despedidos. Protestamos e incitei-os a armarem-se de varões de ferro contra o capataz, se eles não fossem mantidos a trabalhar. Perdemos a acção. Senti-me culpado ... mais uma vez!

Fui para a Moniz da Maia, como aprendiz electro-mecânico. Os operários eram todos da Fretilin.

O clima político já não era agradável. O êxodo dos antigos colonos, uma tropa de cabelos compridos cruzavam-se com 'revolucionários', a debilidade do governo, a insatisfação e a sensação de instabilidade dramatizavam as esperanças. Uma confusão de aspirações que pequenos círculos pretendiam ostentar, mas que foram sendo abafados pela desenvoltura da FRETILIN. A UDT agarrava-se com unhas e dentes às autoridades tradicionais, já na altura desfalecidas do prestígio que se teimava em dar-lhes. Os funcionários não discutiam o destino para Timor,preocuvam-se com a prespectiva de viverem sem dinheiro, e passaram, a maior parte, para a UDT. Ser funcionário do Estado significava condição social. Para alguns era apenas a manutenção de um status social que a família já possuía, para muitos significava mudança para uma vida, assegurada todos os meses e com promessas de reforma e, quem sabe, umas licenças graciosas como prémio que nem todos recebiam.

Um funcionalismo débil e improdutivo não tinha muito por onde optar, realmente! Os poucos frustrados e racistas passaram para a Apodeti!

Incitava-se à violência. Percebi o conteúdo de mobilização, acção! Lutava entre apoiar e colocar-me à margem daquilo tudo e optei pelo segundo.

Não que eu não quisesse mas via que aquilo tudo podia levar-nos a situações incontroláveis. Lari Sina insultava o colonialismo mas ia reclamando o atraso no pagamento. Tentei denunciar atitudes tão inconsequentes. Deixei de receber as saudações dos punhos cerrados. Eu era um 'infiltrado da UDT'. Os amigos evitavam-me ... até que escrevi identificando-me polìticamente e voltei a receber e a distribuir punhos cerrados!

A princípio, amigos e colegas da UDT ainda levantavam a mão e me saudavam, depois veio a indiferença e, posteriormente, sentia-se que nos evitavamos. Realmente, não era o que queria. Pais da UDT, tios da Apodeti, filhos da FRETILIN! Que merda da liberdade!

Toda a gente era político, sabia política ... e que política! Os indianos diziam: "Independência? Em 61, teríamos sido independentes, havia mais casas brancas em Goa do que aqui", enquanto os caboverdianos, os bem instalados esclareciam: "Em cabo vedje, eu soi da peidjecê, aqui soi dja Udjetcê!" Os portugueses, que foram a presença física da estrutura colonial lamentavam: "Mas eu não sou colonialista. Não sou explorador. Fui pago para trabalhar aqui!" O 25 de Abril não respondera a todas as questões. Abrira questões ... para fazermos história! Eu trabalhava já como telefonista da Marconi. Má Huno, membro fundador da ASDT - **FRETILIN**, 'arranjara-me' para o substituir porque ele iria para o CP1, em Aileu ... que seria depois o nosso libelo acusatório! Um oficial português que trabalhava também naquelas coisas da descolonização, costumava ir falar com Má Huno e Montalvão, membros fundadores da ASDT. Coloquei-me ao lado para ouvir. "Você deve convencer os seus colegas a serem mais cooperativos no processo de descolonização. Os vossos líderes decoram umas frases do marxismo na escadaria do palácio, e quando se entra a discutir sobre o programa de descolonização, só sabem borrifar máximas marxistas que não ajudam nada!"

- "Para nós, ukun rasik an! Este é o problema. O resto são batatas", disse Má Huno.

Fiquei decepcionado. Comecei a esperar pelos amigos políticos, no Resende, às tardes, e perguntava ao Borja, ao Redentor, ao Mota: "O que é que vós discutis nas reuniões?"

"Programas de politização, de alfabetização, etc!" Bonito! Mari disse irado: "Se queres saber, vai para lá, não somos relógio de repetição!" Envergonhado, mas fui ... muitas vezes, à espera que saíssem das reuniões para dar boleia a quem precisasse. E era já participar ... na revolução ... das minhas próprias ideias!

A situação tornava-se insuportável e perguntava a mim mesmo o que seria se a violência começasse a alastrar. A fúria política dos dirigentes dos partidos exacerbava os ânimos e preocupavam-me tanto as palavras de ordem!

Tinha decidido conscientemente, em 20 de Maio/75, perante as lágrimas derramadas por velhos gritando "ukun rasik an" que, se queria lutar pela Pátria, só havia um caminho: entrar na FRETILIN! Nunca tive cartão e nem perguntei se os meus colegas possuíam. Ia acompanhando o evoluir político da situação e dos partidos, não tomava conclusões, apenas me inquietava.

Como quase todas as tardes, estava eu na sede da FRETILIN. A UDT mobilizara uma manifestação em Dili.

Era uma provocação, o que a UDT estava a fazer. O Chico Lopes reunira os homens em sua casa, embebedara-os e ordenou-os a marcharem sobre a sede da Fretilin. No Quintal Boot, as mulheres amontoavam pedras por detrás de cada árvore e os homens armaram-se de paus. Na sede, correu a notícia de que já vinham e os militantes começaram a ajuntar pedras à frente da sede.

Procurei convencer a todos para evitarmos confrontação. Os homens da UDT vestidos de trajes tradicionais apareceram no canto do cemitério de Santa Cruz. Gritavam e executavam danças guerreiras. As espadas cintilavam pedindo sangue ... instigado pelo vinho.

Enrouquecido, continuava a pedir calma àqueles olhos espantados por tal ordem, mas obedeceram. Os da UDT eram muitos, demasiados e, para mais, embebedados. Telefonei à PM. Foram minutos terríveis, os 'guerreiros' da UDT já estavam a ultrapassar o cemitério. Os da FRETILIN nervosos. Continuava a gritar para terem calma ... até que dois unimogs da PM chegaram.

Saudaram-me com o punho cerrado e evitámos um derramamento de sangue que seria o princípio do fim, talvez pior que o 10 de Agosto. Dois camiões de militantes da UDT, os da cidade, passaram. Continuei a pedir calma aos nossos. Alguns poucos não satisfeitos, foram à espera dos camiões no Bairro Económico, onde apedrejaram as viaturas.

Atrás dos camiões, vinham três automóveis. Um era conduzido pelo Virgilio Guterres, num outro estava Domingos de Oliveira. Pertenciam à elite da UDT! Presa fácil, pensei, mas, mais uma vez, consegui acalmar os ânimos.

O Dr. Cascais parou o carro à minha frente. Expressei-lhe o meu desgosto. Ele tentou dizer-me que era premente que a FRETILIN dialogasse com a UDT ...

mas não prosseguiu. Ao meu lado parara Carvarino: "Não dês ouvido a esse palerma. Vamos lá para dentro", gritou para mim. Decepcionado, confuso, preocupado!

Noite de 10 de Agosto. Sem dar por isso, o pessoal da OPS começara a confiar em mim. Deviam ser quase 19 horas. Recebi um aviso da OPS: Alarico estava a contactar com Ponciano, para uma sublevação da tropa porque a UDT ia prender os nossos dirigentes. Havia membros do CC em perigo e estavam indo para lá.

Saímos a correr. Montámos a segurança nas margens da estrada. Já no canto oposto do cemitério de Santa Cruz, apareceram uns vultos encapuçados, Nicolau, Mari, Carapinha, Hata, entre outros. Alarico saltou para dentro do cemitério e caiu disparando um tiro. Apressámo-nos para a sede. Reunião rápida dos membros do CC presentes. Mari saíu e disse-me que a UDT planeara fazer um golpe ainda naquela noite e era necessário que eles, membros do CC, fossem conduzidos para fora da cidade.

Em cima de Becora, começámos a ouvir disparos e megas anunciavam o "golpe revolucionário anti-comunista". Para mim, não era surpresa, era apenas a consequência lógica e natural ... daquelas políticas. Era apenas o que podia pensar e o que eu sabia!

Uma pistola, uma caçadeira, e 2 'bombas' feitas pelos pescadores de Bidau, para proteger membros do CC. Mota-Ulun, a base temporária! Uma linha de comunicação de vigilantes de frágeis arcos e flechas de bambú, desde a Engenharia até a base. Nicolau, Carvarino, Hata, Mari, Alarico Carapinha, etc.

O Rogério foi, como medianeiro, enviado pelo Lemos Pires. Nicolau pôs condições. Aproximei-me do guarda-costas do Rogério. Falámos, deu-me as condições da Engenharia e convencí-o a ajudar-nos a tirar armas para dar protecção aos membros do CC. Pedi autorização a Nicolau. Em Taibesse, encontrei-me com antigos colegas da tropa. Venâncio Ferraz apareceu também. Formámos uma secção de 12 homens. Expliquei-lhes os objectivos. Armas para a protecção dos membros do CC, destruição de Marabia e guerrilha urbana. A UDT tentara já assaltar o QG e fora rechaçada.

Na noite seguinte, Venâncio chegou com o fardamento completo para todos. Reunimo-nos nas traseiras de uma casa. Fomos até aos limites da Engenharia e ficámos à espera.

Antes da hora, uma secção armada patrulhava do lado de dentro. Ainda não era a hora. Às 9, avancei e chamei-os, identificando-me.

Tivemos que rastejar pelo arame farpado, para depois sermos escoltados para o QG. Os soldados timorenses ajuntaram-se enraivecidos para ver os 'filhos da puta da UDT que pretendiam assaltar a Engenharia.' Reconheceram-me e ficaram furiosos: "Porquê?" foi a pergunta de ânsia, desespero, raiva, entre o bater dos ~~pés~~ tacões no calçado e o ranger de dentes. "Porque vós não vos mexeis e deixais a UDT matar e prender", - respondi.

O Chefe do Estado-Maior, um oficial baixo e careca saiu ruminando ameaças. Olhei para o Venâncio e o padeiro da Manutenção Militar. Estavam calmos. O Guido e o Rogério estavam lá também. Seguiu-se um inquérito rápido e um oficial português, juntamente com o Rogério, pintou-me o futuro: "O problema é o comunismo!" - "Mas eu não sou comunista!"

-"Alguns líderes da FRETILIN são! E a Indonésia não permitirá isso e invadirá Timor."

- "Responderemos à guerra". - "Mas sereis sózinhos, tereis umas armas, sim, mas não aguentareis por muito tempo, faltar-vos-ão peças sobressalentes, munições!" - "Recorreremos a paus e pedras, se for necessário", respondi. Riu e recomendou: "Se você se encontrar com a Direcção da Fretilin, diga a eles que é melhor conversar com a UDT."

Saímos. Um cabo aproximou-se e pediu desculpas. Fora o irmão dele que viera informar, julgando que fossemos da UDT.

Aquela mesma noite, regressei à base de Mota Ulun. Os membros do CC tinham mudado mais para cima. Ainda estavam em reunião quando cheguei. Contei o insucesso e a recomendação do capitão português. "Tu vais dar ouvido a estes tipos. Os colonialistas pensam sempre que sabem mais que o colonizado," disse Hata.

Nicolau ordenou então para eu regressar à sede e informar a todos os membros do CC que estivessem ali, para subirem às montanhas. O CCF decidira proclamar a 'Insurreição Popular Generalizada'. Levava na boca mais este sentido político de uma entoação suave e doce ...

Na sede estavam Borja, Juvenal, Barbosa, entre outros. Transmiti-lhes as directrizes. À hora do arranque só lá estava o Juvenal Inácio. Ao subir o Mota Ulun, Raul Isaac apareceu: "Vice e outros seguiram ontem para Aileu."

Regressámos a sede, o santuário. Só o quarto do Xavier não era incomodado. O resto era nosso e éramos cerca de uma centena de homens! Apreensivos mas calmos! Estafetas entravam e saíam dando conta da situação de quase todo o Dili.

Numa tarde, chegou um jeep militar. Carmo e Bosco saíram e perguntaram se ali havia um membro do CC. Juvenal foi convidado a ir com eles e ele pediu para que eu o acompanhasse.

Parámos em casa do Montalvão. Ali estavam outros sargentos naturais e um punhado de membros fundadores da ASDT.

As Forças Armadas desejavam mediar o diálogo, para se evitar derramamento de sangue. Todos os presentes tinham concordado mas havia necessidade de um membro do CCF representá-los. Fiz sinal ao Juvenal e pedimos para conversar a sós. Disse-lhe: "Tu não podes decidir nada. Eu vim com directrizes do CCF para a Insurreição. Tu não representas o CCF."

Foi levado ao Palácio, onde se encontrou com o Lemos Pires e 'viu' o João Carrascalão.

No dia seguinte, foram-no buscar e foi levado a Aileu de helicóptero ... para falar com o CCF. Fiquei sózinho ... Os militantes da Fretilin tinham prendido uns homens da UDT e uma rapariga. Ouvi algazarra e gritos na cozinha. Mandei desamarrá-los e disse que não permitiria o uso da violência ali. Eles não tinham culpa de serem da UDT. As ameaças de ataques à sede aumentavam, dizia-se que tínhamos armas. Soldados naturais entravam e saíam, ora pedindo acção, ora sussurando boatos, ora pedindo conselhos.

Um amanhecer de um domingo irriquieto, como nos dias anteriores em que a calma pretendia sufocar-nos na incerteza. Içámos a bandeira da Fretilin e o Foho Ramelau reconfortou-nos, reprimindo momentâneamente as apreensões. Estava eu gritando impotente para uns soldados do Destacamento: "dêem-nos armas ...", quando me avisaram de que tinha visitas. Saí a correr para fora. O Pedro Melo tinha levado o meu pai, a Emilia e as crianças para me verem. Mal nos tínhamos abraçado ... a vigilância foi-nos avisar: "estão a vir camiões com tropas da UDT!"

Mandei a todos dispersar. Duas camionetas de tropas pararam. Maggiolo saíu empunhando o chicote e fazendo riscos de raiva no ar, o Mouzinho gritava histérico, enquanto espancava um rapaz que teimava ficar ali. Com o Chico Horta, éramos três. Maggiolo de olhos avermelhados, espumava: "Arreia-me essa bandeira! Arreia-me esse trapo!"

Olhei para ele, imóvel. O João aproximou-se: "Gusmão, arreia a bandeira!" - "Arreia tu se quiseres. Esta é a nossa sede e temos o direito de içar a nossa bandeira", respondi. Ele arreou e fomos os três mandados para dentro dos camiões. Eu esperava insultos e hostilidade. Olhei para aqueles capacetes. Rostos desconhecidos, imperturbáveis. Mas notei movimentos rápidos de punhos cerrados ... Eu não sabia o que pensar, mas a minha alma não estava vazia.

Maggiolo arrastava a bandeira da Fretilin pela rua. No Sporting, parámos e Maggiolo saíu para falar com oficiais portuguese. Via-se-lhe a emoção da vitória nos gestos, na fala. Apresentava o seu troféu da guerra que orgulhosamente arrastava pelo chão.

No Palapaço, 'as forças armadas do Capitão Lino' foram aclamadas. Aquilo era a UDT ... Todos, rostos conhecidos! Os graúdos e uma corte de assimilados ... do tacho! Tive a sorte de passar despercebido e, ao entrar nas dependências que serviam de prisão aos meus camaradas, não experimentar a doçura dos murros que quase todos recebiam.

Amigos, da UDT, vinham perguntar-me se necessitava de alguma coisa. Muitos acenavam -me de fora. Uma grande comiseração ... de uma política que não conseguimos evitar. Eu próprio desprezei o meu cunhado quando o vi armado. Era difícil aceitar que fôssemos a chegar a este ponto!

Murros, pontapés e insultos era o registo a cada 'fretilin' recém-chegado. Por cada um novo que chegasse, eu procurava varrer o chão até ele e perguntava sobre a situação. 'Aileu foi tomado e estão a avançar para cá'. 'O QG levantou-se', etc. Sahe e um grupo de jovens do CP2, de Bucoli, foram empurrados para dentro. "Comunista", era o próprio eco dos já incontrolados murros e pontapés que faziam rodar o corpo do Sahe ... sob o silêncio de todos! Foi um "UDT" explicar-nos que estavamos ali porque éramos comunistas. Sahe perguntou-lhe o que era comunismo. "O comunismo é, ... bem, eu próprio não sei ..." e saíu.

A massa da UDT estava bêbada. Depois do assassinato do Sequeira, vivia-se uma tensão. Eu não me apercebia de nada, quando vi os dois guardas rindo-se para mim enquanto um me mirava pela alça da Mauser apontada ao meu peito. Um camarada ao lado, que sabia mambae, alertou-me: "Vão-te matar e perguntam-se se a bala da Mauser pode furar-te o peito!" sussurrou-me. Eu fora preso descalço e sem camisa. "Não olhes para eles, por favor." Abaixei a cabeça e fechei os olhos ... estavamos em guerra e, confuso, não senti nada, não pensava em nada. Ouvi conversa agitada na porta. Abri muito lentamente os olhos e o camarada segredou-me: "Chegaram aqueles outros que estão a tentar convencer os 2 guardas a não te matarem, ... porque dizem que ... te conhecem ... que impediste que lhes batessem ... que os libertaste ... "Olhei para lá e eles acenaram-me com sorrisos. Aprendi uma lição, que seria uma lição política que me guiaria durante toda esta guerra. Percebera que podíamos amar uns aos outros! Independentemente de tudo!

A cada avanço das forças da FRETILIN, os dirigentes da UDT ficavam cada vez mais nervosos. Maggiolo tinha os olhos a ferver quando entrou a rugir ameaças, açoitando o ar com o seu chicote. "Olhem para isto. O Mari, aquele árabe, disse que vai destruir Dili ... para construir casas de palapa". Estava fora de si, talvez frustrado, talvez arrependido de ter dado o passo mais errado da sua vida. Alguns de nós imploravam: "Eu não sou comunista, eu não sei de nada."

Aquele clima de feira, exultação de espíritos e gritos de vitória, que eu vira no 1o. e nos dias seguintes à minha chegada, ia aos poucos desvanecendo-se e apagara-se . Lá fora, os movimentos eram já raros e apressados.

Éramos mobilizados para limpar as latrinas, tiravamos as merdas da UDT com as mãos e com os bichos subirem-me pelos braços. Muitos, os mesmos rostos conhecidos. Uns amigos pediram-me desculpa. Via-se-lhes na cara apreensão , nalguns sensação de vergonha, noutros estados de espírito assustadiços. Que miséria de política. Uma política de rixas, de apontar dedos uns aos outros, de atirar a primeira pedra, de responder com uns murros, de prender, de armar-se, de ameaçar, de responder com o jogo das armas.

Palapaço estava a ser fustigado com explosões de morteiro.

"Os nossos já estão no Sang Tai Hoo e Casa Vitória", ou "os nossos já ocuparam o cais", eu ia recolhendo e transmitindo ao Sahe.

O cadáver do Fernando, o marido da Lúcia, fora levado para lá. Fui com uns camaradas, enterrá-lo, sob o crivo de balas. Lá fora, só estavam as ultimas forças da UDT. Sentei-me a consolar a minha irmã. O Capitão Lino era um homem derrotado quando falou para mim.

Tudo parecia um jogo de galos. A escolha do galo adversário tinha as suas regras, horas certas, a côr das penas e, actuando com peso de decisão, um certo comum acordo entre os grandes apostantes. No jogo de galos, reparava que, assentada a escolha, as apostas são barulhentas e, por via de regra, o que escolha é normalmente muito presunçoso e o que aceita o desafio parece ìntimamente receoso de ter falhado e não se dá a manifestações exteriores porque sempre desconfia que o outro lhe escondera algo ... da côr das penas. Essa presunção vai cedendo lugar a exagerados pulos e gritos enrouquecidos de vitória por cada vez que o seu galo não acerta no do adversário. A loucura da paixão, a cegueira do vício que só permitem que se aperceba que perdeu na aposta quando o adversário executa as suas danças, alheado a tudo e entregue a um júbilo provocante por vezes até imoral. A sensação da derrota é o próprio silêncio ... Um curvar de cabeças em rostos desconfortados.

Estavamos perante um jogo político. Perigosíssimo, tanto que os camaradas deitados de cócoras rezavam em voz alta, e insultavam os dirigentes: "esqueceram-se de que nós estamos aqui? "O Manuel Carrascalão apareceu. Não era aquele Manuel, afável e cheio de humor que eu conhecia. Tinha os olhos vermelhos e proferiu ameaças. Minutos depois, umas granadas eram deitadas para dentro. Eu acredito que o que deitara ... fora mandado fazê-lo ... não para nos matar mas mais para nos deterem lá dentro, enquanto as últimas viaturas da UDT deixavam aquele QG de um golpe anti-comunista que só cheirava agora a podridão da merda humana secada ao sol ... de uma revolução ... de espinhos que penetravam na carne de todos os timorenses.

Saímos e dirigimo-nos a Motael. As forças da Fretilin estavam a avançar naquela direcção. Fui ao QG informar a fuga da UDT e a nossa libertação.

Dias depois soube que a Emília e as 2 crianças, o pai e irmãs estavam no antigo consulado australiano. Lá estava o meu amigo, o leal, desinteressado e fiel amigo Pedro Melo. Ouvi dizer que já morreu e quero declarar que o valor de amizade, quando verdadeira, franca e sem interesses, tem uma dimensão tal que, às vezes, excede o próprio amor que se dedica à mulher. Diferente , sim, pode ser e tem que ser mas não se compara ... as confidências, as discussões, as alegrias que se comungam, as tristezas que se repartem, os conselhos, tudo isto situa-se um contexto único, inegualável ... e quando se perde um amigo de valor, sente-se que se perde metade de si mesmo. Diferente do amor, penso eu, pois vi viúvos jurarem de olhos inchados de lágrimas na campa das saudosas, que nunca olhariam para nenhuma outra mulher e, meses depois, o enleio do Cupido faz novas promessas enterrando juramentos. Um verdadeiro amigo que se perde não tem substituto! Foi e só pode ficar a lembrança!

Seguiu-se um período que marcou a nossa fragilidade em todos os termos. Não contesto os esforços da Direcção da Fretilin, a argúcia das suas decisões, a grande vontade de realizar ... do CCF, tomado no seu núcleo da Direcção Central!

Eu era um militante, um amigo dos membros do CCF. O meu mundo, as minhas apreensões, as minhas observações situavam-se no plano geral da situação, naqueles dia-a-dias que revelavam as tendências de indivíduos, de dirigentes ... num parto incómodo, de muitos rasgões, de uma Pátria ... que devia ainda estar em gestação!

Alarico e, depois, Hermenegildo foram uns verdadeiros carrascos. Uma sede de vingança descontrolada e isto fazia doer tanto.

Fui visitar os presos , uma única vez. Mouzinho estava abatido, derrotado, pediu-me para eu procurar a sua corrente de ouro e entregá-la à sua mãe. Maggiolo estava calado mas seguro de si. Tive pena dele mas admirei-o naquela postura em que queria afirmar que ele era ele. Diferente do Maggiolo que eu vira e que parecia drogado, fora de si, de uma histeria política que o descontrolava! Ali, estava calmo, de cabeça baixa, silencioso e talvez se sentisse mesmo superior aos seus camaradas, que lamentavam e choravam.

Fernando Luz abraçou-se a mim. Irreconhecível. "Gusmão, eu não matei ninguém, não mandei bater em ninguém. Tenho as mãos limpas, cumpri ... e tu compreendes!" Anos depois, na Região de Lospalos, afirmaram-me que ele até pedira desculpas por ter que prender ... pessoas!

Porque é que a política pode pôr pessoas tão obsessionadas nos crimes, tão ávidas da violência? Nunca mais quis aproximar-me da prisão da Fretilin. Muitos de nós lamentavamos, enquanto estremeciamos a cada grito de dor que se nos penetrava pelos tímpanos adentro. Sim, a acusação era clara, talvez demasiado clara para não permitir suavisações na consciência: "Eles mataram, eles são assassinos!"

O olho-por-olho e dente-por-dente. Dili era esta ameaça, o interior também era olho-por-olho, dente-por-dente ... que nos entristecia, porque era uma ameaça. Um estado-de-guerra, doloroso, incontrolável! Membros do CC com 3,4 carros, passeios à praia com amigas. Vi caixotes de '555' em casa do Filomeno Paixão, tirei um maço e saí entristecido.

Na pág. 23 (*)

Os sargentos não estavam satisfeitos. Sentia-se um distanciar dos militares. As milícias estavam quase sem controle e queriam impôr regras. Rogerio Lobato era demasiado orgulhoso e a PM tornou-se numa elite.

Devem ser assim todas as situações de golpes de estado nos países do 3o. mundo. Excesso de poder, corrupção/busca de privilégios por parte de politicos, descontentamento de militares, desordem social e descontrole das forças para-militares. Mas, verdade seja dita, o desejo da vingança dirigida a elementos da UDT foi temporário e parecia que todos 'aceitavam' que já bastavam, os que foram presos.

Entre a população em geral, temerosa no inicio e observadora no auge do conflito, foi aos poucos adaptando-se e esqueceu as rivalidades politicas. Mas a UDT, que fizera o espalhafato de uma guerra de crianças, fugira para o outro lado da fronteira graças talvez ao humanismo dos militares e o TNI entrara em contra-ataque. A mobilização foi geral para a defesa da Pátria que se libertara. De quem? Não se sabia ao certo. De Portugal? Do capitalismo, imperialismo? Do colonialismo apenas? Ou ... de si mesma?

Aquilo que parecia poder desvanecer-se surgiu de novo em força, mas entre a população em geral, apenas a apreensão pelo futuro dominava as mentes. Porque a verdadeira guerra começava e estava exigindo que seus filhos fossem mobilizados.

Eu tomava conta da feitura do jornal 'Timor-Leste' que comprensivelmente traduzia incapacidades e necessariamente estava respondendo a uma situação politica concreta, de um movimento de libertação, demasiado jovem e talvez imaturo, que se tornara vencedor!

Uma vitória demasiado fácil ... e os sucessos fáceis Trazem sempre os seus senões.

Recebi a lista da composição de membros de CCF, para ser publicada. Vi o meu nome. Corri imediatamente para o Borja, que era o Secretário do Departamento em que eu estava incluido. "Não, Borja, eu não aceito! Tu sabes bem que teòricamente sou uma nulidade! Eu estou disposto a trabalhar mas não como membro do CCF. Tens que falar com os camaradas para retirarem o meu nome."

- "A decisão foi do CCF! So estás em condições de aceitar!"

- "Mas ..." e eu tive que concordar que a decisão fora já tomada e apenas me restava corresponder à confiança depositada.

Sem teoria que não fosse o 'ukun rasik an', sem conhecimentos que não fossem a percepção de que tínhamos assumido uma grave responsabilidade para com a Pátria!

Nicolau Lobato foi um grande lider e tinha merecido a confiança por parte de todos e sobretudo dos militares. Mas, Portugal não queria regressar. Pela primeira vez, percebi que o processo de descolonização era apenas um ganhar tempo. Pela primeira vez também, percebi que foramos atirados à fossa da independência. O que era a dor-de-cabeça da UDT, o tão valioso escudo ... para as compras, passou a representar para mim uma questão vital para a vida daquela Pátria ... parada, gemendo de sangue, perturbada no seu sossego atrasado de bazares aos domingos, no interior, e muitas lojas em Dili ... agora fechadas, violadas, arrombadas ... sob o sentimento de que eram produto colonial, imperialista, da exploração do homem pelo homem. Uma vez, a Emília regressou dos trabalhos de arrumar os Serviços de Educação e informou-me: "Tantas colegas, familiares de membros do CC, recebem cartões e vão às lojas levantar tecidos, roupas ...".

- 'Ninguém vai levantar nada', disse-lhe em meio dos choros do Nito e da Zeni que já não queriam ver as batatas de Atsabe ... fritas ou cozidas, de todos os dias ... que íamos recebendo da Manutenção Militar.

"Portugal não regressa", a frase era o espectro de tudo ... o que poderia vir. Timor-Leste era nosso, entregue a nós; o que me caberia, pensei, era dedicar-me com todas as forças ... para encarar esse espectro ... apenas meu!

Fui a Bobonaro fazer uma reportagem das incursões do TNI à Maliana, que fora tomada. Lá conheci o Roger East. Fomos os dois a Tapó, e a sua roupa branca causou-nos uns momentos de aflição pelas morteiradas que nos foram dirigidas de Maliana, quando descemos à linha de combate.

Na vila, a Olandina e a Genoveva, quadros da Educação e Cultura, tinham dificuldades de passar o programa ao Comité Regional, cujo Secretário estava tolhido nos seus movimentos.

Os sargentos, o padre e as madres pertenciam ao anti-comunismo. Tive que intervir num assunto de que era totalmente desconhecedor. Vencidos mas não convencidos, os sargentos arranjaram-nos duas reuniões com os praças. Foram apenas ataques à Fretilin ... Fugimos de lá!

De regresso a Dili, informei Nicolau da situação em Bobonaro. "Não me venhas com histórias. Conheço-os bem" despachou-me. "Não te metas onde não és chamado", consolei-me.

Uma tarde, ia de passagem, quando me chamaram. Estavamos na residência do Xavier Amaral. Poucos membros do CC, entre eles Nicolau, Hata, Mari. Havia necessidade de proclamarmos unilateralmente a independência e seria no dia seguinte, à tarde.

Cerimónia simples, de país pobre que éramos, fazendo face a uma guerra de invasão, que ia queimando os primeiros pedaços da Pátria. Uma cerimónia ... roubada ao inimigo!

Se houve alegria, ela estava escondida nos corações, era um tesouro dificil de compartilhar. Nos rostos, a apreensão geral que reflectia a seriedade da situação e ninguém se perguntava sobre o futuro. Todos tinham os pés bem assentes no ... jardim do palácio!

Filmei o acto. Roger East pediu-me para publicar na Austrália mas, estùpidamente, não cedi. Aquilo era meu, um tesouro, roubado ao próprio destino da Patria, um destino ameaçado ... com 'putas' de Colmera ocupando as moradias do Banco, satisfeitas com a independência!

"Enquanto membros do CCF estão a passear nos seus carros, vão à praia com as raparigas, não fazem nada, os meus soldados estão a morrer na fronteira.", gritou Rogério Lobato numa reunião, logo a seguir à independência!

Tinha as suas verdades, embora não devesse ser feito naquele tom generalizado. E lembrei-me que recebera um automóvel novinho tirado por Leopoldo a um chinês que, 2 dias depois, devolvi por não me sentir à vontade a conduzi-lo, optanto por pedir uma velha viatura que tivesse pertencido ao governo colonial.

Ofereci-me para ir a guerra, para sentir 'as lágrimas da fronteira' que vira inscritas no capacete de um soldado que voltara de lá ... onde alguns camaradas seus tinham ficado ... a honrar a Pátria!

Sahe, Sera Key, Kruma, Ma Huno, Fera Lafaek e eu, o primeiro grupo de membros do CC para a guerra. Hermenegildo Alves não se conteve: "O que viestes fazer aqui? Esse Rogério é um estúpido!"

Dias depois, chegava uma mensagem.

Era a formação do 1o. governo. Havia ministros entre nós. As felicitações foram ténues expressões de solidariedade. O ar tornou-se mais pesado de repente.

"Tu, ministro?", perguntava assombrado o Antunes para o Sahe, Sera Key e Kruma. "Deixem-me apalpar o rabo a um ministro!", continuou.

Era a incredulidade, era tambem a sensação de que não estávamos preparados para 'independentizar' a nossa Pátria. Eu levei sempre comigo esta perturbação no espírito.

Um barulho esquisito e contínuo acordou-nos em 7.Dez. Deveria ser entre as três e meia e quatro da madrugada. Pesados aviões militares passavam por nós, em Lois, rumo a Leste, pela linha da praia.

À tarde fomos chamados para o comando.

"Paraquedistas indonésios desceram em Dili" - informou Hermenegildo. Um silêncio geral, que fazia desabrochar questões que não tinham resposta. No dia seguinte, já estávamos a rodar no velho 'Land Rover', e, por Railaco, chegámos a Balibar.

Lá estava a Direcção da Luta com Nicolau ao Comando. Olhámos para Dili, nos pequenos intervalos que os 'Meriam' e a artilharia naval nos permitiam erguer a cabeça da contra-encosta de algum morro ou detrás de alguma árvore.

Sebastião Sarmento tentava alvejar os barcos ancorados no porto. Eduardo dos Anjos trazia um enorme binóculo, potentíssimo. Era uma rapina o que estávamos a presenciar naqueles dias. Os vasos de guerra vomitavam fogo sobre a encosta de Dili, enquanto navios de carga esvaziavam a alfândega e enchiam-se de viaturas, cargas e cargas com que os guindastes iam enchendo aqueles bojos de metal ... indonésios!

A população subia, em filas intermináveis. Não vi medo no cansaço daqueles suores. Li resignação nos olhos, uma angústia que devia estar a torturar a alma de cada um ... mas sabiam sorrir, comoque para apaziguar o sofrimento.

Sera Key e eu resolvemos ir até ao Hospital. Percorremos todos os pavilhões e nenhum traço das nossas famílias. Podiam estar de novo no antigo consulado australiano, mas amigos e conhecidos acabavam de chegar de lá e diziam-me: "Não vale tentar, Gusmão, nós escapamo-nos de lá e no cruzamento para Taibesse está quente." Olhei para Sera Key e, em silêncio, aceitamos ... a situação. Realmente, em momentos concretos, as palavras não têm significado, ferem mais os sentimentos e atiçam fraquezas.

O inimigo queria avançar para oeste e já estava em Tasi Tolu. Nicolau indicou-me a mim e ao Féra Lafaek para irmos a Tibar ajudar a manter o moral das forças.

Um dia, Hermenegildo regressa de Balibar para a frente de Lois e informou-nos: "O inimigo está quase a tomar o cruzamento para Aileu." Imediatamente, Fera Lafaek e eu sentimo-nos isolados como que abandonados. Naquela tarde, exigimos tudo ao velho unimog e chegamos a Aileu à noite. O Comando da Luta já estava em Maubisse. Seguimos para lá. Nicolau contimuava o homem calmo, seguro de si, embora preocupado!

⊛ Para a pág. 20

Participei numa reunião. Alguns membros do CC e a maioria comandantes(os ex-sargentos). Notava-se muita tensão, o clima político que substituira a euforia da vitória e aos excessos da violência!

"Eu sou da Fretilin, continuarei da Fretilin, mas não aceitarei o comunismo", proferiu com exaltada solenidade Alarico Fernandes! "Eu não permitirei que os comunistas montem no meu dorso", dizia Carapinha. Os Comandantes pareciam satisfeitos ... mas a reunião não satisfizera ninguém!

Xavier (não) era o presidente, era apenas o símbolo que, se não se apagava, teimava em luzir, sem brilho!

Aos meus olhos, apenas pecava por demasiado personalismo, mas compreendia-se. Se, por um lado, nós os outros não os ajudávamos, por outro, devido a isso mesmo, as exigências da situação pediam um pulso pessoal no comando.

Em 31/Dezembro, escoltamo-lo a Same. As forças dos 'firakus' queriam ir lutar nas suas regiões. Havia notícias de que os presos da UDT e Apodeti que ainda restavam, deveriam ser todos eliminados. À noite, Sera Key confidenciou-me: "Vês, Gusmão, hoje nem nos autorizaram a ver os presos. Tenho lá os 2 irmãos. Ao mais crescido, aceito, pronto, que ele tenha pegado em armas e que tenha morto alguém. Não posso pedir para que não o matem. Mas o mais novo é anormal, não sabe o que faz e todos o conhecem. Queria salvá-lo, quero impedir que ele pague pelo que não fez ou, se fez, sem consciência do que estava fazendo. Pedi para o pouparem, declarei que eu me responsabilizaria por ele. Não aceitaram, não consideraram que eu também sou membro do CC e que apenas estava a pedir por um irmão que eu sei que é inocente. Mas é a Luta e são estes os sacrifícios que temos que aceitar."

Tinha um ar abatido mas calmo. Da primeira vez que o vira sair de uma reunião em casa do Xavier, não quis acreditar que o Juvenal fosse da Fretilin. "Eh, pá. Também aqui?" - "Enjoado com os tipos da UDT", justificou-se do atraso da sua opção política.

Devo dizer contudo, que os 'firakus' libertaram muitos da UDT, levando-os consigo, para as suas zonas.

O inimigo estava já a meio caminho entre Maubisse e Aileu. Os membros do CC que escolhessem cada um a direcção a tomar, dissera Nicolau, não escondendo a irritação de ver membros do CC inactivos, parasitas e colados a ele ...mas que passavam fome e íamos Sera Key e eu pedir milho assado à população, enquanto o Comité da Zona ocupava as lojas dos chinas e empanturrava-se. Estava no seu reino.

Escohi Manatuto e Fera Lafaek juntou-se a mim. Passámos por Turiskai. Xavier fazia uma vida aparentemente despreocupada sob os cuidados feudalistas do irmão. Leite, carne e ovos e ... era também o seu reino.

Custou tanto aquela subida das 'sete alturas' para se chegar a Fahi Nehan. Já éramos três com o Montalvão. A minha primeira imersão ao ventre da Mãe-Pátria! Um clima que nunca conhecera, mansos nevoeiros que nos impregnavam de um frio acolhedor e davam uma coloração macia àquele chão côr de tijolo esbatido, alimentando aqui e além enormes 'ai bubur' para atestar um ermo de intempéries e a pureza do ar.

À noite, numa velha barraca, apreciei verdadeiramente as canções da minha Pátria. Em acordes que se perdiam na escuridão friorenta, velhas e velhos pareciam apostados a não perder com as vozes quentes mas ainda não temperadas dos jovens. 'Koto Moruk' e 'Daulorok', a que o fumo sufocante emprestava um hálito humano, celebraram o meu primeiro verdadeiro encontro com as origens montanhosas, genuìnamente puras, num deleite amargo de uma identidade a esmigalhar-se nas explosões de uma guerra que me empurrou para ali, confuso, cansado e à procura de um lugar, no espaço aberto da Pátria, para lutar!

Laclubar, Cribas e Marabain/Manatuto, onde fui comandar um pelotão de flecheiros. Toda a população rendida, nos limites daquelas várzeas, tão pegadas ao mar e que constituiam os dois elementos da vida de Manatuto. A história das minhas gentes repetia-se. No colonialismo português, na ocupação japonesa, e ali ... Não puderam despreender-se de um complexo de cultos, o transcendental da sua maneira de ser e viver: a lentidão pachorrenta dos seus búfalos, os gemidos indolentes dos seus carneiros pastando em várzeas sem água, o cheiro marinho das brisas convidando ao lazer do corpo e uma crença exagerada no seu 'coronel St. António! livra-nos da guerra'! Só umas povoações das encostas subiram mais um bocado. Armas, menos de uma dezena. Envergonhamo-nos de ser de Manatuto, os poucos 'esclarecidos' que ali estávamos, na maioria jovens estudantes da UNETIM! 'Ser da Fretilin não significava necessàriamente assumir a FRETILIN', pensava eu, tentando concluir sobre a política dos cartões de partido, que fizera de Manatuto uma 'fortaleza' da FRETILIN, onde não hesitaram em queimar a bandeira da Apodeti!

Em Abril, fui convocado para uma reunião. Em Barique, notava-se com clareza a aversão dos militares para com os políticos.

Conceitos (novos , para mim) eram a base das argumentações contra. Da parte dos 'pró', o silêncio da uma visual insatisfacao constituia a argumentação climática ...

"Imperialismo, social-imperialismo", a tese que recusava o pedido de apoio à União Soviética.

"Eu quero lá saber se é imperialista ou social-imperialista. Que a ajuda venha da América, da União Soviética, da China ou de onde quer que venha, o que eu quero é ajuda. Não é o que precisamos?", berrou por fim Xavier aturdido e derrotado.

Fora das reuniões, os militares evitavam os políticos! "Se não decidirem pela ajuda, já verão o que vai acontecer", de propósito diziam em voz alta passando ao nosso lado como se não estivéssemos ali.

De regresso a Marabain, tomei contacto com as notícias que chegavam de sucessivas capturas de armas em Baucau. Fui a Lobito, sede do Comando Regional e do Comissariado. Pedi algumas armas a Sahe. "São propagandas que nós tivemos que fazer ...", confessou. E deu-me o 'Materialismo Histórico', quando lhe informei que havia ouvido muitos 'ismos' em Barique.

Maio/76.Soibada, reunião histórica. Histórica porque estabeleceu, enfim, uma estrutura organizada da luta e definiu as actividades da Resistência! A Reunião de Maio/76 foi o verdadeiro pilar da luta pela Libertação da Pátria!

Mas todas as histórias são complexas, enriquecidas, penso eu, por actos que provêem das lutas internas das ideias, das concepções.

Os militares separavam-se dos políticos. Alarico ficava com eles. Em Barique, muitos deles tinham sido nomeados membros do CC, mas todos sabiamos que era apenas uma forma de evitar que se insubordinassem contra as decisões do CCF arrastando as forças que comandavam!

Hata, Carvarino, Sahe, Nicolau dissertavam sobre Estado. Xavier definiu-o como "eterno, vindo de Deus ..."

Aníbal, atrás de mim, cochichou: "O que é que estás a escrever? Eles estão a definir conceitos marxistas".

Alarico surpreendeu-me! Eu não queria acreditar no que estava vendo e ouvindo:

"Declaro aqui, perante todos, que aceito o marxismo como a única via para libertarmos o nosso Povo da exploração do H pelo H." E foi-se com a Rádio para longe da reunião e de Soibada.

Os militares não demonstravam estranheza e isso importunava-me.

Xavier, após umas poucas tentativas mal sucedidas de deter a alavanche t teórica da revolução das mentes, optou por limitar a sua participação em: "Camaradas, a sessão está aberta" e "pelo adiantado da hora, a sessão está encerrada!" Depois das festas de 20 de Maio, optou pela fuga e foi refugiar-se no seu reino. Os militares não pareciam muito desconcertados, o que intrigava. Mas notava-se bem que Xavier perdera, porque pouco sabia de politica, que Nicolau estava do outro lado, que os militares continuavam a formar um núcleo à parte e que a maioria dos membros do CCF éramos despolitizados.

Fui colocado na Região de Viqueque para apoiar Solan. Nunca participara a organizar, nunca falara às massas ... iria aprender!

O inimigo retomara toda a linha Baucau-Viqueque. Em princípios de Julho, fui nomeado Vice-Secretário da Região e mandado passar para a parte Leste. Protestei porque necessitava de aprender ainda com o Solan. "Vai e desenrasca-te", foi a ordem.

Seis meses dificílimos, entregues a mim mesmo. Ao norte estava Lari Sina, Hodu e muitos jovens formados da UNETIM e do Centro Piloto no. 2, de Bucoli. Ali falava-se de politica. Má Huno, que fora colocado na Região de Lospalos, passara o cordão comigo. Acompanhei-o até Uatu Karbau, antes de ele passar para Iliomar. Era dia de Bazar em Uatu Karbau. O Secretário da Zona pediu-me para falar à populacao, pois eu era 'seu' vice regional. Má Huno, muito à sua maneira, disse que ele era de Lospalos. Saímos e disse que eu não estava preparado para falar e que me desculpassem. Os Vices da Zona de Baguia(colaboradores do Lari Sina), entraram a falar de 'ismos' ... para me impressionarem,

Desde ali, prometi não falar de 'ismos' (mesmo que viesse a conhecê-los) às massas. Desde ali, me convenci a mim mesmo de que os esclarecimentos não deviam necessariamente ser tão elegantes. Eu próprio não percebia o que os 2 vices diziam ...

Os primeiros pontos na minha aprendizagem politica. Não tinha sede, andava de aldeia ~~a~~ em aldeia, passava pelas forças, percorria os sucos.

Uatulari, uma população difícil, com forças indisciplinadas,não na linha do fogo, mas atrás das barreiras.

Adelino Carvalho, liurai, da Fretilin, e ambicioso, estava descontente por não ser Secretário da Região de Vikeke. Minava os nossos esforços para organizar. E ele tinha as suas forças. Uatulari e Uatu Karbau, com liurais de Apodeti como produto do 59, e Ossú dividido em 2, ameaçado ainda com as infiltrações do inimigo postado na vila.

Os Comandantes prendiam constantemente os apodetis. E eu libertava-os ... até que se cansaram de prender porque chegaram à conclusão de que eu os libertaria com certeza!

Dezembro. Reunião no Cascol, a oeste de Venilale. Os relatórios de outros membros do CC preenchiam dias. À minha vez, pedi desculpas e falei dez minutos. Sahe disse: "Já fizeste muito"!

Fiquei envergonhadíssimo. Não, Sahe não devia falar assim para mim. O seu cinismo magoou-me tanto!!! À noite, expressei-lhe o meu descontentamento e pedi para sair de membro do CC.

"Comprendeste-me mal, Xanana! Eu sabia muito bem que não estavas preparado, nunca fizeste trabalho de massas. E quis encorajar-te afirmando-te que sòzinho te saiste bem das dificuldades. A teoria vem da prática. Continua a trabalhar e assimilarás mais dinâmicamente a teoria.", explicou!

Um principio que sempre me acompanhou, em relação aos meus subordinados.

Na folha anexa

* Da Região de Baucau(parte leste), chegaram-nos notícias da reacção de Aquiles e de Ponciano, o considerado 'herói' do contra-golpe!

Lari Sina informou-me que Adelino, de Uatulari, e Fernando Sousa, em Uatu Karbau, faziam parte da rede de Aquiles, com suas extensões até Iliomar.

Adelino era um 'inimigo', dificultava a organização, minava a população e desafiava as orientações, mas eu não o via como reaccionário, não aceitava ver ninguém apelidado de reaccionário. Só entendia a palavra traidor e, para mim pelo menos para aquela altura, eu não aceitava haver raccionários.

Contudo, prometi ajudar 'a desmantelar a rede', prendendo o Adelino Carvalho e mandando-o para Cascol. Era a oportunidade para 'desmantelar a estru-

*

Eu ja passava mal na minha Região. Mas o sacrifício de Sahe no Cascol impressionou-me. A população adorava-o, a sua simplicidade, a sua paciência em educar os quadros, a sua maneira suave de criticar os erros, a sua calma em encarar as situações, tudo fazia dele um dirigente exemplar. Sabia ouvir e isto era importante para mim. Ele sabia que, teòricamente, eu era um zero ao quadrado comparado com os jovens saídos dos cursos de formação politica que ele administrava. Mas ao contrário de Carvarino, por exemplo, trocista e inatingível, Sahe recebia as opiniões e depois debatia-as. Fossem elas contra-revolucionárias, fossem elas de desagrado a métodos, resoluções, medidas. Foi a sua atitude compreensível para comigo que me permitiu continuar eu mesmo, actuando de forma menos rotineira e comum, menos dogmática, menos ao estilo revolucionário.

Actuava com certa independência e não fugindo à disciplina, para ser capaz de exigir disciplina, fugia do descanso e das sedes, para poder exigir responsabilidade aos meus subalternos.

tura' criada por Adelino, onde chefes de povoação eram chefes de aldeias e chefes de suco, os secretários de suco.

Varri assim a 'velhada feudalista' e chamei jovens para as zonas de Uatulari e Uatu Karbau e sucos. Ossú, tinha o Lú Olo e era bastante apoiado/influenciado pelo lado ocidental, orientado por Solan e assistido por Sahe.

Aquiles e Ponciano, antes de serem escoltados para Cascol, juntamente com Fernando Sousa e Adelino, pediram-me para interceder por eles junto do Comissariado. "Nós sabemos que seremos mortos lá. Por favor, peça ao CP para ficarmos aqui consigo. Trabalharemos consigo, seremos seus escoltas, faremos qualquer coisa que você mandar, mas não nos mande para lá. Errámos e pronto, mas dê-nos uma oportunidade. Traidor, não somos. Apenas estavamos a dizer às pessoas para não nos obrigarem a cerrar o punho esquerdo e ter que receber cursos do marxismo."

O Pe. Luis Costa ia também ser escoltado para Cascol. 'Reaccionário'. "Sabes, Gusmão, conheci a ... e ...", disse ele cheio de entusiasmo ... Conhecia as histórias de antigos colegas do Seminário, já padres, que confessavam aos amigos, feitos pais de familia: "Tu tens sorte, pá! Tens uma geração que te lembrará. Eu acabo em mim, não tenho futuro ...", aliás Cosme Cerejeira era dito que saira de padre para tomar mulher. "Este não durará muito", pensei, ao ler o brilho nos olhos do Luís.

Eu tinha escrito ao Sahe a informar sobre os 'meus' presos. Na primeira ida ao Cascol, trouxe o Fernando Sousa, que seria o secretário de Zona de Uatu Karbau mas, porque havia necessidade de consolidar as actividades organizacionais em Uatulari, Adelino só regressaria meses depois. Mas Aquiles e Ponciano cumpriram a lei da revolução popular.

Alguns 'liurais', de Uatu Karbau, acusados de envolvimento na reacção e presos na zona, foram libertados, assim com em Uatulari, enquanto em Baguia e Quelicai, a violência revolucionária fez vítimas entre nacionalistas. O Lari Sina era pão, pão, queijo, queijo!

Não, se bem que membro do CC, eu ainda não estava capaz de compreender essa violência revolucionária. A ideia/conceito não me agradava e muito menos aplicá-la. Persuasão e recuperação começaram a ser outro princípio político, básico para mim.

Maio de 1977. Reunião em Laline. Xavier, chamado várias vezes, não quis participar. Continuava bem no seu reino, não necessitava de reuniões. Histórica também, porque o Marxismo foi aclamado.

Houve mudanças sensíveis. Domingos Ribeiro, João Bosco, Nascimento, pareciam sinceros na sua mudança política. Hermenegildo Alves, um incorrígivel bêbado, dizia durante aquela sessão, em que Nicolau e Joaquim Nascimento entregaram as suas plantações de café ao Estado: "Qualquer dia, os brincos da minha mulher também passam para o Estado". Suficientemente baixo, para todos ouvirmos. Eduardo dos Anjos, o incorrigível boémio com quem passei uma grande parte da minha juventude em Dili, nas cervejadas e suecas e kings, continuava a atracção nos intervalos das reuniões, contando as suas intermináveis anedotas picantemente anti-revolucionárias ... que não agradavam ao DOPI.

Sera Key esforçava-se por se afirmar conhecedor da teoria. E debatia. Aliás, era o único que dava vida à reunião, até que todos os CPs foram chamados a sentar-se na mesma mesa para dirigirem a reunião. Acabou-se o debate.

Eu tinha conseguido, em fins de 76, as citações de Mao que eu levava como a única propriedade privada. E lia, relia, para admirar-me procurando entender aquela forma simples de descrever coisas tão profundas. Tentei 'ocupar' o lugar de Sera Key, mas não para debater. Era, agarrando nas explanações de Mao , tentar buscar uma percepção mais clara. Porque era difícil passar horas e horas a ouvir dissertações sobre conceitos não conhecidos e fixar algo. Hata, perguntou-me: "Onde leste isso tudo!" - "Camarada Comissário, não brinque comigo ...". - 'Não penses, Xanana, que todos estamos profundamente conhecedores da teoria. Em Lisboa, eu andava mais com o MRPP, a pintar paredes ...!"

Senti um choque , um abalo na 'auréola' que eu dava a todos os universitários. E entendi então o mesmo comportamento infantil de Cesar Mau Laka ... e de mais alguns!

Sahe chamou-me. Oferecera-se para me ajudar, nos intervalos, a compreender melhor alguns conceitos. Dali, ganhei um que me ajudaria imensamente pelo resto da luta, porque é um método seguro de análise e de previsão dos factos, quebrando subjectivismos e consolos de consciência: a dialéctica da realidade, o conceito de conjuntura!

Mas cedo, aquele entusiasmado ambiente de'escola politica' salpicava-se de estranhos comportamentos. Nas refeições, Nicolau deixara de falar! Carvarino tinha sempre um ar gozão, triunfante, de quem sentia prazer de magoar outro. "Ninguém reza para agradecer a Deus, esta comida ... que a população colheu com seu suor?" Compreendi, Nicolau era marxista mas continuava religioso. O DOPI reunia-se demoradamente e os escoltas mandavam-nos para longe ... para não captarmos aquelas discussões ardorosas, apaixonadas ... Nicolau deixou de ir às reuniões, 'estava doente', dizia-se. Sentia-se que qualquer coisa não andava bem, mas nenhum de nós, a não ser o DOPI sabia ... a verdade.

Houve uma simples cerimónia comemorativa de 20 de Maio que também filmei. Ao almoço, Nicolau quase não tocara no comer. À tarde, eu ia de passagem quando ele me chamou: "Queres ir comigo ao DDN?" A sua voz era triste. Devia ter chorado, eu podia jurar a pés juntos. Sera Key juntou-se a nós. Caminhámos aqueles 3km que separavam o DDN do local da reunião.

Chegados lá, Nicolau abriu-se:"Não quero formalidades aqui entre nós, passaremos estas horas, falando de camarada para camarada, de amigo para amigo. Por favor,ajudem-me. Preciso de 'relaxamento', porque estou passando uma crise, não me perguntem porquê. E se me tratarem por Nicolau, em vez de vice-presidente, não calculais o quanto me ajudarão. Não falemos de guerra, não falemos de política. Falemos de coisas alegres, quero o calor da amizade, da franqueza." Nicolau aparentemente tornara-se num homem insensível, duro. Ele impunha! Só em Soibada, tive uma conversa a sós com ele ... sobre questões familiares, a sua mulher assassinada, o seu filho, etc.

Ali, estava de novo o lado humano de um homem que fazia politica, de um homem que comandava uma guerra, de um homem que eu admirava e respeitava. Desde quando? Desde aquele encontro com Rogerio, em Mota Ulun! Rogerio suava a bicas quando subia da ribeira até onde nós estávamos. De longe, já barafustava. Nicolau, esperou até que ele se aproximasse e acabasse as reclamações estúpidas: "Eu não sou teu irmão! Põe-te à distância e presta-me continência, porque sou dirigente do nosso Povo!"

Estudavamos em grupos as 'questões estratégicas' de Mao. A mudança desejada da teoria da guerra, uma teoria que empolgava, no plano de ideias , no pensamento estratégico, mas uma teoria que necessitaria de muitas e pesadas derrotas para se compreender a verdade científica da guerra, dita pelo próprio Mao: "Toda a guerra é específica, no tempo e no lugar. Toda a guerra é evolutiva, no desenrolar da própria guerra".

Saiu uma resolução que permitiu a todos casarem-se, pela 2a. vez, sob derminadas condições. Sera Key pediu-me para o acompanhar a Cribas, onde estavam os familiares da mulher. "Como é que é, vais-te casar?", perguntou-me Sera Key. Em Soibada, Laka e Solan tentavam influenciar-nos sobre a 'liberdade do amor', para justificar os nossos comportamentos, que ainda trazíamos de Dili, e que espalhávamos naquele vilarejo tão cheio de meninas. Com Sahe e Wewe, meus muito amigos que recordarei sempre, tive uma conversa muito séria sobre o problema. E se, na região onde trabalhei, pude ganhar a total confiança de velhos e população, das forças e dos quadros, devo-o ao puritanismo que Sahe e Wewe incutiram em mim, como prática a seguir.

"Não. Recebi, antes da reunião, uma carta da Emília.", respondi-lhe.

"Eu também, não", disse Sera Key! Uma guerra dura e prolongada ... estava à nossa espera, disso nos apercebiamos, sobretudo dos conceitos que aprenderamos!

De volta à região, fomos abalados com a reacção/traição do Xavier. Como reacção, não era nenhuma surpresa! Traição, isto sim, era um dado novo. Mas lembrei-me do que Eduardo dos Anjos contava em Balibar, um dia depois da invasão: Que encontrara Xavier a descer para Dili. Ele desejava ir 'falar com os invasores para se retirarem imediatamente'! Eduardo conseguiu convencê-lo a desistir daquele estranho e ousado acto!

Acabada a reunião em Ai-kurus, Sera Key regressou informando-nos que, do cordão Baukau-Vikeke a Tutuala, seriamos apenas o sector Ponta Leste. Até ao momento, eu responbilizava-me já pela Unidade 2, fusão das partes orientais das regiões de Baukau e Vikeke, pertencendo ainda ao Sector Centro Leste.

Sera Key vinha perturbado. Pedro Sanches, o Cmdt Sector da Ponta Leste (ainda corrspondente ao concelho de Lautem), tinha sido invocado como 'agente de Xavier'. Afonso Savio, irmão daquele e Comandante da Região, acompanhara o Sera Key ao Centro Norte. Sera Key estava confuso. Muita confiança depositara no Afonso e não podia pensar que tanto ele como outros quadros do seu Sector pudessem pertencer à rede do Xavier.

Afonso vinha triste, porque notara mudanças de atitude do seu Comissário. Aliás, ele próprio tinha conhecimento da acusação que pendia sobre o irmão.

"Tu é que tens resolver, "disse ao Sera Key." Tu conhece-lo, tens confiança nele e perante esta acusação tens que pensar bem. É meu princípio não aceitar as acusações logo à primeira, quando conheço bem o quadro. Investigo, mas continuo a utilizá-lo, provando a sua lealdade e firmeza."

Sera Key então narra-me as atrocidades que se cometiam em Ai-kurus. Ele, no início, ficava petrificado mas depois convenceu-se da necessidade da "violência revolucionária". Havia os que recebiam brasas deitadas sobre a barriga, que depois apodreciam, havia as mais variadas torturas ... Eu nao podia acreditar no que estava a ouvir. Sera Key mudara, aceitara, ficara convencido e assumira ~~a~~ essa necessidade. ~~da violência~~

"Tu é que conheces os teus homens. Tu é que conheces a situação no teu Sector. Só tu podes tomar a decisão mais conveniente." E lembrei-lhe a reacção de Aquiles, a vilência utilizada na Região de Baukau e a prisão que eu fiz a um Adelino Carvalho, Fernando Sousa e a alguns liurais de Uatu Karbau. Lembrei-lhes dos 3 elementos de Iliomar, envolvidos também no caso de Aquiles, que presos em Baguia, foram mandados a UatuKarbau à espera de serem devolvidos a Iliomar. Francisco Hornay e seus 2 companheiros choravam a pedir-me para não serem entregues à PL, pois seriam mortos. Ao Secretário da Zona de Iliomar, hoje Cmdt Lere, exigi para que não os maltratassem até os entregarem a algum membro do CC. Ultrapassada a baliza Uatu Karbau/Iliomar, os 3 foram espancados até à zona, onde foram mortos. E disse-lhe que me desgostavam atitudes vingativas e que, na Região que eu superintendia, eu próprio ia às zonas para casos de 'reacção' ou 'traição', a fim de evitar que se caçassem confissões provocadas pelas dores.

"Mas este é um problema de âmbito nacional, que diz respeito à segurança nacional", disse ele. Afonso Sávio foi preso. Todos os quadros da ex-PL foram convocados para a sede da Unidade 2, em Matebian. Adão Amaral, José dos Santos, P.Sanches, Gil Fernandes, Raul dos Santos, Victor Gândara, foram detidos. Sera Key, Ma Huno e Txay eram quem fazia o inquérito.

Ao terceiro dia,,nao resisti mais e pedi para interromperem o inquérito para uma reunião entre os 4, membros do CC.

"Não posso aceitar esta violência. Não posso aceitar que um membro do CC torture assim debaixo dos insultos e sob a emoção de terem sido traídos na confianca que depositavam nos seus quadros. Não posso aceitar que Adão Amaral e José dos Santos morram sob torturas. Vejam o estado físico e psíquico do Pedro Sanches, quando lhe dói, diz que sim, depois declara que afirmou que sim porque já não suportava as dores. Eu não aceito que se faça isto aqui, na minha Unidade. Levem-nos e matem-nos na vossa Unidade!"

Sera Key nunca fora contestado nas suas decisões. Olhou para mim, incrédulo. A reunião foi interrompida.

No dia seguinte, Sera Key convocou-me para outra reunião.

"Nós vamos partir hoje, para controlar a situação la(na Unidade 1). Entrego-te estes para continuares o inquérito.", disse Sera Key. Era o que eu desejava. Eu tinha o Edy, um cabo da marinha indonésia capturado em Matebian, a quem eu tratara e que trabalhava na nossa sede. Entreguei Pedro Sanches ao seu cuidado. P.Sanches tinha o corpo queimado e lançava hálitos nauseabundos. Temiamos pela sua vida. O Gil, Raul e Victor passaram a trabalhar~~am~~ na sede, depois do inquérito que lhes fiz.

Novas prisões na Unidade 1, toda a antiga PL. José da Conceição, Dinis Carvalho, Enf. Sarmento, entre cerca de duas zonas de presos. O Andrade Sarmento, o primeiro nome que P.Sanches soltara, para parar com as torturas, foi o que mais sofreu.

Pouco tempo depois uma reunião do Comisaariado, com todos os quadros da nova PL, para se dar a conhecer a situação política geral, do após desmantelamento da rede do Xavier, reestruturação, actividades e colocação de quadros.

Solan viera do CL e já éramos 5 membros do CC ao todo. Eu fui colocado na Unidade 1, como Resp. político, com o Ma Huno, como Cmdt do Comdop(Comando Operacional, que se responsabilizava por todas as actividades da Unidade 1). Pedi para trocar com Ma Huno, porque ambos estávamos agarrados a uma só actividade, mas foi-me negado o pedido, com a justificacao de não conhecer o pessoal e não saber a língua. Seguimos todos para a Unidade 1. Solan porque era 'fataluku' e ia para matar saudades. Sera Key e Txay para se despedirem. Três noites seguidas de baile, na sede. Um bocado contrariado, porque nas minhas sedes anteriores nunca permitira tal nem sequer nas zonas. Os bailes eram apenas permitidos em dias nacionais, nos locais de concentração da população. Sahe incutira-me esse espirito de disciplina e sacrificio e evitava sempre os percursos que me conduzissem a algum casamento. Às activistas lançadas a percorrer as aldeias eram punidas, quando preferissem baile em vez das danças populares.

Sera Key regressou a Matebian, onde o Comissariado/Comando do Sector ia instalar-se. A Sera Key pedira para que mandasse regressar P.Sanches, Raul, Gil e Victor Gandara. Um novo inquérito, aos presos na Unidade 1. Dinis e J. Conceição começaram a revezar-se a acompanhar-me nas minhas andanças. Libertei o resto. Tornei a aplicar todos os quadros desconfiados. Ultrapassámos uma situacao de tensão, de descontentamento e de mútua desconfiança. Como era hábito, só ia descansar 2, 3 dias na sede da Unidade.

A população, que vinha do extremo da Ilha tinha sido obrigada por incursões do inimigo a passar para o lado ocidental de Loré. Grassava uma verdadeira fome, porque o comer fora abandonado à pressa. Combinei com as forças e demos segurança à população para, durante 5 dias, ir buscar o comer que escondera e apanhar seus animais. Repetimos a operação e as forças avançaram um bocado mais, para perto da linha de Muapitine. Ao segundo dia, chegou o Comandante Latu Aça. Tinha estoirado o cavalo. "O inimigo deve estar já na nossa retaguarda", pensei. A população alvoroçou-se um bocado. Eram as 4 da tarde e o chefe de uma aldeia tinha-me convidado para compartilhar com eles a carne que estavam a cozer. Já estava a mastigar o primeiro pedaço, quando o chefe me perguntou: "Kaka, sabes que carne é esta? carne de cão ... " empurrando a cabeça cozida do canino que escondera atrás de si. Esbugalhei os olhos e parei de mastigar. "E ... querido kaka, sabes porque é que mandei matar esta cadela? Tinha a pele já toda cheia de feridas e os olhos deitavam pús ...", continuou numa atitude como que a pedir desculpas, traída pela vivacidade do olhar que perscrutava o meu nó de Adão e a gargalhada que seus lábios trémulos tentavam reprimir .

Senti náuseas e ... foi quando vimos o Cmdt aparecer fustigando o cavalo.

"O camarada Comissário pede a sua urgente comparência na sede da Zona de Luro. Casa-se amanhã e não o fara se kaka não aparecer.", disse.

Seria um dia e meio de viagem. Virei-me para o chefe: "por favor, para outro dia, mata-me um cão gordinho ..." e deixei-os atrás a rirem-se da partida que me pregaram. Cheguei às 11horas do dia seguinte à sede, onde tinha uma muda civil, mas nas várzeas circundantes eu deixara o tacão da bota esquerda (da tropa portuguesa que eu ainda trazia). Ao meio-dia estava já na sede do Comité da Zona de Luro.

"Foi uma surpresa!", disse ao Sera Key. "Sabes, Xanana. A decisão foi dificil, porque é difícil continuarmos assim. Até quando?", respondeu-me. Sem um tação, eu também já coxeava a guerra dura e prolongada ...

Havia uns elementos da população, nas áreas de Muapitine e sopé de Paitxau que não se renderam mas recusaram a marcha para oeste. Estava lá também um quadro, Mau Velis, que mantinha contactos, através de Mehara, com o João Branco, ex-membro do CC e cmdt do sector, que se rendera.

Ele escreveu-me uma carta, pedindo-me para não ser 'igual aos outros' e propondo um encontro. Os 'outros' (membros do CC) não concordaram. Dei orientações aos Cmdts, lançados em Loré para manterem a ligação. Pouco depois, tive um encontro com o Mau Velis, iniciando assim as actividades clandestinas.

De quando em quando, ia ter com o Sera Key em Matebian. Uma vez encontrei-o psicològicamente abatido, frustrado. Kilik, o cmdt do sector, não ajudava. Negava-se ao estudo das 'Questões estratégicas', negava-se à discussão dos problemas militares e encerrava-se num silêncio provocante ...

Conhecia Kilik, um homem fechado, orgulhoso, que dificilmente aceitava as opiniões ... e era preciso muito tacto para se lidar com ele. SK prometeu tentar uma melhor forma de aproximação.

Meses depois, fui avisado de que Sera Key me esperava na sede da Unidade. "Insociável, mal-educado é o que aquele homem é. Vim aqui para aliviar a tensão", gritou para mim como cumprimento. "O tipo boicota-me as actividades, desmancha-me os planos ...", continuou enrolando nervosamente os bigodes, acto que se tornara no seu tique ou quando pensava ou quando se agitava.

Reunimo-nos. Quem se havia de lembrar que em, em 1970, Sera Key, que era instrutor gritava ao recruta, no refeitório. "Oh, seu palerma, a banana é para se comer depois"! Como é que se pode guardar no íntimo o desejo de vingança, por um caso tão insignificante ... e na tropa ... 7 anos passados?!! Um desejo de vingança que alimentava o racismo! "Porque o camarada Comissário é branco!" A solução daquele problema, que realmente melhorou as relações entre os dois, deixou no ar questões sobre a mentalidade, a consciência das pessoas. O povo é tão simples!, até demasiado simplista e prático. Há problemas , resolve a murros, não perde o tempo a germinar o cinismo, as atitudes falsas ou a amadurecer ideias!!!

Porque é que os letrados adquirem novas formas de involucrar o seu ego, novas formas de exteriorizar o que trazem no íntimo? Na guerra, o competicionismo foi um grande motor para atitudes falsas!

Na 2a. metade de '78 casei-me. Já era uma decisão generalizada, a de encarar a guerra dura e prolongada. Eu seria capaz de manter o puritanismo que eu adquirira (e de que me orgulhava, porque tinha sido um factor importante na confiança politica recebida numa região ... difícil, como fora a minha anterior zona de actividades)?

Não, não fora esta a questão a que eu estava respondendo! Entretanto, a mulher do Má Huno falecia e deixava-lhe um bebé por cuidar.

Meses depois, começaríamos a marcha para Matebian. Ainda trago nos olhos aquelas cenas vivas de coragem, abnegação e vontade de lutar daquelas populações, a alegria e o entusiasmo que tomaram o lugar às dúvidas, aos receios, à perspectiva de mais sacrifícios que as esperavam em Matebian ...

Uma reunião com todos os quadros da parte Oriental de Matebian, para a solução de problemas criados pelas primeiras chegadas ao sopé de Matebian dos vindos do Leste. A tensão aumentava ...

Alguns quadros de Baguia e Laga estavam descontentes. Exigiam que se prendessem de novo os 'implicados na reacção do Xavier', não concordavam que estivessem activos e que, se fosse necessário, fossem mortos. O primeiro desafio sério que eu encarei. Eu era o alvo. Pedi a Sera Key para me deixar assumir sòzinho a responsabilidade e disse-lhes: "Terieis que me prender primeiro a mim ..."

Ainda mantinha os contactos com o Branco e combinei um encontro em Home. Apareceu o Adão Cristóvão e mais alguns. Pedi-lhes para receberem os velhos, doentes e fracos a quem custava tanto aquela jornada para Matebian ... e seria um peso a menos para a guerra, que tomara novas proporções!

Regressei e fui direito ao Comissariado, já em Uada Boro. Reunimo-nos e não concordaram com a minha sugestão. Sempre me irritei contra as decisões 'do alto', que não fossem a resposta a situações concretas. Foi sempre isso que me impedia de me fixar numa sede, onde recebesse relatórios escritos. Preferia ir ao encontro da realidade, vê-la, apreciá-la para perceber a dimensão dessa realidade, para testar o grau de aplicação e de iniciativa dos quadros. Arrependi-me de não ter organizado a fuga dessa parte da população, que não era necessária em Matebian, literalmente cheio, onde problemas surgiam em todo o lado entre os chegados e os residentes.

Sera Key chamou-me. Estava de novo abatido. "Devem ser diferenças com o Kilik, sobre como proceder à defesa de Matebian", pensei. - "Confio em ti, entrego-te o caso para resolveres e estive este tempo todo à espara que chegasses", disse-me. A mulher dele andava aos beijos com um quadro, havia uns meses. Isto era já do conhecimento geral. Puni a mulher com 6 meses de trabalho numa zona, com proibição de visita do marido.

"Foste demasiado duro para connosco. Coitada dela", lamentou-se.

Cedo o inimigo avançou. Fui mandado ao bloco ocidental de Matebian. Explosões, mortes, bombardeamentos, choros e recuos. Mas a população estava calma, talvez resignada talvez verdadeiramente preparada para morrermos todos ali. As forcas recuavam e o inimigo infiltrava. Numa madrugada, foi acordado com altifalante do IN chamando meu nome: "Adjunto Xanana, lalika ona. Ha ruka população rende deit!" Uma frente de Uatu Karbau progredira de noite e ocupara o ponto estratégico de ...".

Solan e Olo Kasa foram-me substituir. Voltei à parte Oriental do Matebian. Uada Boro tinha sido tomado. Sera Key estava sòzinho. Nem Cmdt se sector, ninguém. "Peço-te desculpas, fui buscá-la", Tentou explicar a presença da mulher. Com uns colaboradores, fomos montar o Cmd do sector, próximo de Uai Bitae. Tinhamos perdido o bloco Norte, Sesugua, Nalidole. Percorri as frentes de combate. Já não havia espaço para a população. Bombardeamentos, explosões, mortes, sangue, fumo, pó, filas intermináveis à espera da vez para conseguir das poucas nascentes um bocado de água para as crianças. Não havia choros. Cadáveres em todos os lados e, estranhamente, não apodreceram, secaram!

As noites eram quentes, o nevoeiro negava-se a descer e parecia que tinha medo do fustigar interminável da artilharia terrestre e maritima.

Kilik, o Cmdt de sector, continuava com a família. Descontrole total de um Comando do sector inoperante, para não se dizer inexistente. Os Cmdts da Companhia eram os únicos responsáveis daquela resistência tenaz. Encontrei Ma Huno no abrigo da zona, estava seguro !!!! Preocupava-o a 2a. mulher que ficara maluca, quando, depois do casamento, ele lhe tocou ... nos ombros ... pela 1a. vez! Eu tinha-lhe dito que não tentasse arranjar uma mãe para o filho, que não casasse tão apressadamente ... mas o filho estava-lhe a ser uma obsessão!

Os caças iam semeando a morte, o dia inteiro. Estavamos sufocados, simplesmente sufocados naquele céu teimosamente aberto de Matebian.

Fui ter com Sera Key: "Vou sair com uma companhia, para a direcção do Leste. Vamos bater Lospalos, que eu penso que está desguarnecido. O terreno é larguíssimo para acções de guerrilha na retaguarda do IN".

"Como é que depois entras?", perguntou-me.

"Não saio para entrar de novo, saio para descongestionar este cerco!", gritei-lhe.

Mais uma vez me arrependi de não ter tomado uma decisão sòzinho. Eu tinha falado com os Cmdts Latu Asa e Mau Tei e ambos concordaram com o plano.

A população já não podia recuar. Estavamos encurralados. Passei de novo pelo Comando do Sector. O Kilik aparecera enfim! Uma decisão foi tomada extemporâneamente: mandar 2 companhias romper o cerco! Nunca o fariam ...

Dois dias depois reunimo-nos. Romper a defesa de Matebian, mandar a população render, uma companhia estaria sob a minha responsabilidade para a guerrilha na PL e todas as forças e quadros para o Centro, para reforçar a Base

Nacional. Bombardeamentos no local da reunião. Vi a morte nos meus olhos.

A explosão tinha sido a uns metros à nossa frente. Deixara de ouvir os restantes. Pedaços de carne queimada e suja de alguns escoltas tinham sido pregados às pedras, nos troncos das árvores cravaram-se cortantes lâminas de metal, as mesmas que se destroçaram no corpo dos companheiros.

Eu que costumava gritar para a população para se abrigar e ficava a olhar para os caças, ganhei um terrível medo dos ataques aéreos, o que marcaria profundamente a minha atitude em todo o resto da guerra.

À noite, passámos por uma caverna. Sera Key perguntou-me: "Levas a tua mulher"? - "Nem sei onde está!", respondi.

"Moralmente tens que comunicar a ela a decisão. Nós levamos as nossas mulheres ...", proferiu sem convicção, apontando para Olo Kasa e Solan.

- "Moralmente, não devo sequer encontrar-me com ela, aliás nem sei onde está", despedi-me deles. Deviam ser 11 da noite do dia 22/Nov/78, quando começámos a descer a encosta leste de Matebian, um bocado a norte de Baguia.

No dia seguinte, estávamos concentrados ao sopé sudoeste de Legumau. A coadjuvar-me estavam Ixay e Kilik. Hodu e Ruak entre outros quadros tinham sido escolhidos por mim, para futuras actividades.Dividirmo-nos em pequenos grupos, tirar as fardas, esconder as armas, acompanhar a situação e procurar contactar com a população, foram as primeiras orientações. O prazo era de três meses para a adaptação. Escolhi Holly Natxa, Konis e 2 irmãos deste. "Vamos tentar chegar o mais ràpidamente possível nas vossas áreas. Temos que contactar Mau Velis", disse-lhes.

Alcançámos o litoral de Muapitine, sem muitos problemas. Já com o Mau Velis, na noite de 7 de Dezembro, atravessavamos a planície em direcção a Mehara. Encontramo-nos com o Miguel, 'kepala kampung', que sairia em 83 com as suas forças.

Um mês e meio de contactos com a população, com os hansips e com a juventude. Percorria as povoações. Estava a aprender a guerra de guerrilhas, que me serviria de base para uma estrutura organizacional da Resistência. Tive um encontro com o João Branco, em casa do Miguel, assentámos ideias sobre a continuidade da luta.

Em Fevereiro de 1979, chamei Ixay e Kilik para debatermos a situação. Não aceitaram atravessar a planície para o norte, porque 'eu preparara tudo para os entregar ao IN'. As primeiras desconfianças ... que me custaram tanto a aceitar, naquela difícil situação!

Os Cmdts Mau Nana e Sakin Nere, que tinham sido destinados para os Centros, foram ter comigo. Chegaram aos Centros, nas áreas a sudoeste de Bibileo, encontraram-se com o Hermenegildo Alves, Secretário da Região de Vikeke, um certo caos e desconfianças. Regressaram.

Solan e a mulher doente, Olo Kasa e a mulher fraca, Sera Key e a mulher, apenas com os escoltas. Todos em Builó, isolados uns dos outros, abandonados pelas forças. Sera Key recomendou aos 2 Cmdts que as forças que regressavam do Centro e as que não conseguiram passar, estivessem sob a minha responsabilidade, pois ele iria para os Centros, procurar a Direcção da Luta.

Deixei Txay e Kilik e segui em direcção a oeste para procurar controlar as forças. Hodu e Ruak, a sul de Legumau, Mauk, em Saelari, e Alex também por aquelas áreas. Breves encontros. Em Sesugua, o Cmdt Lay Kana, o melhor Cmdt de PL na altura. Em Uaibobo, Olo Gari e Fera Lafaek, em Builó, Sabika e outros , de Uatu Lari.

A todos recomendei para esperarem pela reorganização. Sera Key tinha passado para o Centro. Solan e Olo Kasa, capturados. Já de regresso a Saelari, chegou a informação de que Lay Kana e o grosso da sua companhia, aliciados por Lari Sina e Olo Kasa rendera-se em Quelicai.

Lari Sina, com o Iswanto, infiltrara-se de novo e alguns quadros, em Saelari, foram mandados por mim render-se, com orientações para manter contacto connosco e ligar com Dili! Não coseguiram cumprir porque foram massacrados depois, como aconteceu ao Lay Kana e à sua companhia.

Mas a confusão já reinava, os espíritos estavam abalados! Eu não desejava,sobretudo, que fossem rendendo, às minhas costas como o Lay Kana. Kilik andava inclusivamente confuso, queria cuidar da filha que nascera. Pediu exoneração!

Convoquei todos os quadros e coloquei-lhes abertamente o problema. Eu procurava convencê-los de que quem quisesse ir render que não o fizesse pelas costas, que deveriam ir organizados (como era o aliciamento de Lari Sina e Iswanto). O que lhes pedia era apenas que eu pudesse escolher as armas e reparti-las com eles, para que não nos deixassem apenas as armas inoperacionais e não-automáticas.

A discussão foi num clima tenso. Alex e Kiby Sama foram os que deram calor patriótico à reunião. Na reunião, com os soldados, estes demonstraram que estavam preparados para resistir. Foi uma vitória moral. Não podia fazer o controle de um certo número de armas, porque elas estavam todas de posse dos soldados. Não estavam abrangidos pelas nossas primeiras orientações, mas confiava no Alex cujas forças estavam completas. Alguns quadros e Comandantes, ainda assim, renderam-se. Indiquei Ruak e alguns quadros para irem aos Centros à procura da Direcção da Luta.

Segui para Laleno e convoquei outra reunião. Antes da chegada dos quadros, chamei Dinis Carvalho e ordenei-lhe para que recolhesse umas trinta armas automáticas, munições e as mandasse para os lados de Mehara, para serem escondidas lá.

Txay voltara a Loré. Mal eu tinha partido do Leste, ele e Kilik resolveram ir cada um para o seu lado, sem terem estudado e debatido os pontos que lhes deixara sobre reorganização das forças, actividades, etc. Má Huno, que regressara dos Centros, refugiara-se em Ko'oleu.

"Eu não me rendo!", disse Má Huno. - "E o que é que pretendes fazer aqui no mato?", perguntei. - "Lá em Ko'oleu, não me encontrarão, com quantos batalhões que eles queiram", desencantou assim as espectativas dos quadros. Mas eu tinha já absoluta confiança de que estes estavam determinados a continuar a luta. Os soldados nem sequer permitiram aos quadros falar em rendições, não desejavam ouvir esclarecimentos daquele tipo. E os guerrilheiros do Leste eram, aparentemente, os mais expostos pois quase todos contactavam já regularmente os familiares.

Voltei para o oeste de Matebian, subindo o monte. Um triste silêncio, uma desolação do capim que crescia cobrindo atalhos e caminhos e lutava por sufocar repolhos, couves e batatas que eram o único sinal de ali ter passado a mão humana. Cada alto, cada pedra, cada riacho, cada árvore foram testemunhas de um sofrimento massivo e os sete caminhavamos silenciosos. Todas as cenas de meses atrás repassavam pela lembrança. Sentiam-se as vozes dos mortos que nos causavam aquela sensação de respeito, quando se entra numa casa 'lulik'! Matebian fora a nossa Casa Grande. A chuva miudinha e o espesso nevoeiro faziam--nos suar por debaixo das fardas.

Mais forças foram controladas, dos Cmdts Kali Sa, Ko'o Susu, Mau Kalo ... As forças de Uatu Lari, cabeçudas e indisciplinadas que eu conhecia em 1976. "Irmão, nós os que vestimos langutim é que estamos aqui, aqueles que vestiam calças e falavam política como o caudal de Ué Bui estão hoje nas vilas", assim foi a saudação daqueles camaradas que foram uma dôr-de-cabeca 3 anos atrás. E este sentimento de repulsa aos quadros políticos e Cmdts doutrinados que preferiram acompanhar a familia para as vilas, levou muito tempo a extinguir-se e dificultou as actividades dos poucos quadros politicos que estavam na resistência armada.

Dei ordens ao Cmdt Olo Gari para ir aos Centros para ver se encontrava algum sinal de resistência.

De regresso a Leste, levei uns quadros e uma companhia para tomarem parte na reunião para a reorganização das forças.

Uma marcha entre combates e chuvas. Eu já andava adoentado, fisicamente fraco. A Sul de Legu Mau, já não havia comer. Ao 3o. dia, 2 pelotões fugiram. Nos que ali me olhavam, esperando também ordem de regresso, lia-se-lhes que não estavam preparados para suportar fome e marchas para zonas desconhecidas.

Pedi 5 voluntários e continuamos a marcha. Eu era o único que conhecia alguns atalhos. Mas em todo o lado, a paisagem mudara, não era igual àquela em que ali tinhamos a população com as suas hortas, aldeias, casas, animais.

Passamos para as áreas de Iliomar. Só Ai bubur!!! De volta das infrutiferas buscas, só tinhamos menos de 10 tubérculos de 'kuan'. O Cmdt Zei Moto que fora à procura de alguma caca, regressava com um hudi kain! Duas latas começaram a fumegar. Quando mastiguei um pedaço de 'hudi kain', tirada daquela água preta que transbordava no meu prato, disse ao Cmdt: "Vamos morrer todos, se continuarmos a comer esta mixórdia que nem porcos comem". Ele olhou para mim, que já estava a entornar o conteúdo do prato, e sorveu aquela água escura com tonalidade roxa, sorrindo e piscando o olho.

Reunião em Loré. Ma Huno, Ixay e outros quadros médios. Kilik não aparecera. Definição das áreas militares, reestruturação, colocação e activação das forças, eram os assuntos prementes. Mandei o Dinis levantar de novo as armas escondidas.

"O quê, mandaste esconder armas? Sem o nosso conhecimento? Nós, membros do CC?", protestaram os Dis - "Tu, despreocupadamente escondido em Ko'oleu, Ixay com a mulher perdidos na floresta! Havia de confiar muito em vós!", seria também uma prática em toda a guerra, irrevogável na minha relação com membros do CC e quadros médios. A confiança política só se adquire da prática, da aplicação, de espírito de disciplina e de iniciativa e da vontade de cumprir sempre melhor!

Mas eu já estava fìsicamente estoirado. Tinha contraido paludismo crónico! Crónico talvez não seja o termo exacto. De último grau! Tinha no mínimo 3 ataques por dia, infalíveis, demolidores que me deixavam os queixos e o pescoço em cãibra, para suportar depois de cada sacudidela, a pressão de uma febre infernal. Antes de cada ataque, era o estômago que se inflava e crescia, crescia até a pele da barriga me doer.

Fui esconder-me numa pequena mata espinhosa em Mota Ulun com o assistente Virgilio e 2 rapazes. Sabalae que sofria do mesmo juntou-se a mim. Os 3 sairam um dia à procura da caça de algum bovino, que teria que ser longe para não denunciar a nossa presenca ali. Sabalae e eu juntamos 'kaleik' e tentâmos prepara-lo, porque já não havia comer. À tarde, fomos meter na água. "É melhor ser daqui a dois dias", dissemos uns aos outros, satisfeitos de termos podido já preparar o kaleik. Só lá estava o resto, o kaleik apodrecera e tinha sido levado pela água. À noite, chegaram os três com muita carne. Uma velha foi chamada para me tratar com rezas e aspersões de agua. "Este bocado de milho é só para ele", ordenou a velha ao Sabalae, entregando-lhe o ramo e ensinando as rezas para o ritual da aspersão. Nem uma nem outra cumprimos ...

Chegou Holly Natxa de Sakalo, tinham conseguido vias para Dili. Saimos no dia seguinte. A caminho, soube que Ruak escapara-se de Ossu, para onde fora levado com Sera Key e os outros, capturados em Bibileu. Sera Kay e a mulher estavam doentes, abandonados e foram traidos pelas ultimas forças do Centro Leste que também se renderam.

Olo Gari regressara. Até as areas de Iuriskai, onde travaram combates com o inimigo, não encontraram vestigios nem de forças nem de população no mato. Mandei então Ko'o Susu tentar de novo, nas áreas de Laleia e Manatuto.

Ma Huno recolhera-se de novo em Ko'oleu e Ixay cuidava da noiva, na floresta!

De Kakavei para Laleno, meio dia de viagem, levamos três, com paragens obrigatórias e constantes para suportar os ataques da febre.

De Laleno segui para Sakalo. Eu já estava 'grávido', com uma barriga de (deza)nove meses que já não inflava ... já estava cheia de ar!

Fui com Holly à horta dos pais dele. Apareceram e trouxeram 6 cartões de resoquina! Quis aproveitar a convalescença, para ver as ligações com Dili e preparar teòricamente um bom número de quadros dali. Dias depois, com a resoquina, já estava em franca recuperação e a febre parara, embora me encontrasse ainda muito fraco.

De Dili, informavam que havia forças em Dare, em Tibar, que Nicolau tombara, que Cesar Maulaka andava pelo Centro Sul, areas de Alas. Muitas informações contudo eram contraditórias.

Fomos traídos e, numa madrugada, fomos assaltados. Tombaram três camaradas. Só sai com a arma. Ferido nos pés, alcançamos Mehara. Houve propaganda do IN de que eu morrera, tendo até sido levado o cadáver de um companheiro até à vila, para provar à população que eu morrera. Combinei com os que me acompanhavam e fizemos correr também o boato de que eu fora atingido. Passámos para o Sul, litoral de Muapitine. Era minha ideia forçar os membros do CC a tomar consciência de que a situação exigia que se sentissem mais responsáveis e pretendia também que os quadros médios se compenetrassem que havia necessidade de puxar pela cabeça e encarar as situações.

Muito poucos se comportavam à altura, tendo a maioria inclinando-se mais na busca de vias para as familias!!!

Três companhias concentradas na floresta de Loré foram destroçadas, e cada uma dispersou de novo para as suas direcções. O conceito de concentração de forças continuava sem conteúdo, como fora no período das bases de apoio. A dispersão tinha sido imposta pelo inimigo e não actuara como conceito.

Fiquei entregue ao cuidado de uma família, da população daquela área. O Cmdt Mau Hanik, actuava como o elo de ligação para oeste e as ligações com a parte oriental e norte, estavam ao cargo do grupo de Konis, colocado em actividades com Tutuala.

A minha 'morte' nada alterou, pelo contrário, provocou um afastamento entre quadros, depois de os quadros médios terem insistido para que os mais responsáveis (na altura, Má Huno, Txay, Kilik e Bere Malay Laka) se reunissem e estudassem os problemas e tomassem uma decisão. Ko'o Susu regressou e informou ter encontrado elementos de população e forças nas áreas de Uai Mori e Laline.

Já recuperado, convoquei uma reunião em Iliomar. Na floresta de Loré, foram-nos entregues panfletos com a fotografia do cadáver de Nicolau. Eu estava apenas confirmando as informações recebidas de Dili. Má Huno não acreditava, aliás as fotografias faziam duvidar da côr da pele, mas não sabiamos que Nicolau tinha sido ____________________. Kilik era da opinião que não se esclarecesse à população e às forças para evitar maior desmoralização. Era o que ele tinha também feito com a minha 'morte' ...

Em Iliomar, foram estabelecidas as bases estruturais para uma Resistência Organizada, numa íntima vinculação entre guerrilheiros e a população nas vilas provisòriamente ocupadas.

Decidiu-se também que eu iria até onde pudesse ir, para procurar contactar com algum membro do CCF.

O sector foi entregue a Má Huno e o comando das forças a Kilik e Bere Malay Laka. Nova viagem a Oeste de Matebian. Um mês e meio sofrendo dos rins, entre combates diários que tinhamos que suportar. Não conseguia sentar-me, não podia ficar de pé, não aguentava estar deitado. Enrolava-me pelo chão como um possesso. Chorava! Não poucas vezes, quis suicidar-me. Não suportava aquelas terríveis dores, aquele horrivel desconforto. Bebia quantidades de chá ora de composições de folhas, ora de cascas, ora de raízes.

Ofendia-me a compaixão nos olhos dos meus guerrilheiros, fugia da impotência nas suas conversas. Provei quase todas as curandices, possíveis e imaginárias. Suportei o calor de latas aquecidas e o vapor quentíssimo de tubérculos, cami e folhas aquecendo-me o ânus ... A explicação era que eu sofria de uma "doença de mulher". Derrotado, vencido, eu levava um 'asa loki' com esse medicamento. Não que eu acreditasse que aquele vapor 'medicamentoso' me entrasse pelos intestinos e fosse aquecer os rins ou qualquer coisa situada nos quadris.

Reparei que eu estava apenas necessitando de acreditar em alguma coisa para poder viver ...

Em Maio de 1980, passei para o Centro Leste, com 60 homens armados. Fui-me curando pelo caminho ... Uma difícil marcha. As forças do Oeste de Matebian, onde ainda havia muito comer, não estavam preparadas para suportar a fome e a fadiga.

Tantas vezes os deixava ao entardecer no fundo de alguma ribeira porque recusavam prosseguir para pernoitar nalgum alto. Só a secção de 'fatalukus', homens disciplinados e escolhidos a dedo por Dinis Carvalho me acompanhavam sem proferir uma palavra. Tantas vezes berrava, em reuniões, apontando-lhes o caminho de regresso. Tantas vezes nos encontravamos de novo a frente, envergonhados de falar comigo. Tantas vezes faziamos as pazes, para logo a seguir ouvir lamentações e murmúrios ...

Eu levava também o plano de ir assegurando a organização da população e percorremos toda a linha de Venilale a Vemasse. Os velhos abraçavam-me e choravam! "Filho, continua a luta! Não te rendas nunca! Vós sóis a nossa única esperança!"

Os guerrilheiros estavam comovidos e juraram morrer pela Pátria. Foram, depois, o exemplo de abnegação, disciplina, franqueza e solidariedade para toda a FALINTIL! Morreram todos! Neste momento, somos apenas 3 ou 4 sobreviventes daquele grupo a que baptizamos de Destacamento de Ligação Nacional!

De volta do Remexio onde fomos travados, Ko'o Susu com a metade seguiu pelo Sul com direcção às áreas da Fronteira. Fiquei com a outra metade. Necessitava de preparar-me para a Conferência para a Reorganização da Luta, que planeara ser entre Outubro e Dezembro.

Eu decidira, após mais recolhas de dados fornecidos por Dili, assumir a liderança. Má Huno era mais antigo, membro fundador da ASDT. Mas eu conhecia-o bem e pensei que seria um formalismo inócuo e irresponsável se concordasse que ele, porque era veterano, comandasse a Luta.

Chamei o Holly, que me acompanhava e o Ko'o Susu. Expus-lhes as questões, pedi-lhes a opinião, coloquei-lhes as minhas dificuldades. "Conta connosco em tudo o que pudermos", deram-me as mãos que eu apertei, chorando o peso da responsabilidade que eu recebera. Para todos aqueles meus guerrilheiros eu passava a ser o 'Comando da Luta'. As minhas decisões, as minhas simples palavras ganharam, para eles, a importância de'decisões do Comando da Luta' ou "o Comando da Luta disse". E cumpriram, aqueles valorosos e abnegados companheiros, com consciência de que nasceram para morrer pela Pátria, sob o meu Comando. "Maun Boot sa'e, ami sa'e, Maun Boot tun, ami tun", era esta a concepção simples do dever, a oferta generosa das suas vidas! Nunca os trairia!

Se fora 'fácil' eu decidir assumir o Comando da Luta, eu estava totalmente consciente que a decisão tinha sido a mais difícil que alguma vez eu podia pensar em tomar. Fomo-nos refugiar para os lados de Lacluta. Eu teria que estudar, teria que exigir de mim mesmo alguma noção sobre a Revolução, sobre a Guerra.

Passei em revista o processo revolucionário. Na reunião do Comité Poliem Ai-kurus, Hata fora designado a responsabilizar-se pela formação ideológica de membros do CCF e eu desejava tanto participar ... Recordei uma conversa com Sahe, dentre as que mantinha com ele, todas as noites, em Makadike/ Uatu Lari, em Agosto de 1977, onde ele me ia dando algum apoio teórico mais, e nos preparava para a fase da criação de um Partido revolucionário. Seríamos Maoistas , pelo menos eles eram todos maoistas e consideravam os PCs da USoviética e da Europa Ocidental como sociais -imperialistas. Sahe também admirava a 'pureza' da revolução albanesa e a militância internacionalista da revolução Cubana. Perguntou-me naquela noite: "Tu aceitas pertencer ao Partido?" Confuso ainda nas minhas ideias, respondi-lhe que não. Espantado, ele olhou mim: "Tu, Xanana, eu esperava tudo de ti menos isto!". Expliquei-lhe então que aceitaria ser militante mas não como membro do CC ... não estava preparado!

Tinha agora a cabeça oprimida. Não estava, continuava a não estar preparado. Mas eu tinha entre mãos um dever para cumprir: continuar a obra dos antecessores. Eu não podia conceber que fossemos a libertar a Pátria sem as bases para libertarmos o nosso Povo. Este era o objectivo supremo!

Passava noites a estudar à luz das velas, feitas da cera daquelas abelhas de Timor que, um dia, me foram apresentadas como 'nossas forças' pelos 'luliks de Sananain, onde nos reuniramos para assaltar Manatuto, mas donde fomos corridos por tanques e morteiros encontrando eu aquelas colmeias nos mesmos ramos onde as vira.

Revolução e Guerra, eu teria que dominar um bocado se eu quisesse cumprir. A minha capacidade de dirigir, dependia da minha capacidade de entender. A minha capacidade de entender dependia da minha aplicação no estudo. A minha aplicação no estudo dependia do ambiente no acampamento.

Éramos vinte e tal, num acampamento, com o 2o. Cmdt Johny, pois a outra metade seguira com o 1o. Cmdt Ko'o Susu. Mas cedo juntou-se a nós a Companhia de Nahak, vinda de Dili.

A segurança era perfeita. O total silêncio era a solidariedade dos meus guerrilheiros que entendiam que o seu 'irmão mais velho', se puxava pelos cabelos era porque lhe custava entender algum conceito, se chorava era porque estava perguntando-se 'porque é que tudo teria que chegar a este estado de coisas'. Se pedia café mais forte era porque queria passar a noite toda a estudar, se saia e andava, era porque estava cansado, se pedia tabaco era porque dera cabo do que lhe fora distribuido ...

"Porque é que terei que ser eu?" e desejava tanto que no mínimo algum outro membro do CC estivesse vivo nas 2 fronteiras.

Fui mandando pontos para o Leste para que todos fossem estudando e preparando-se assim para a Conferencia.

Ko'o Susu voltara com umas notícias esperançosas. Havia forças e uns quadros médios. Contactara com a população de Same e esta prometeu ajudar a estabelecer a ligação. Regressou à missão, apoiado por Nahak e elementos de 'mambae' com uma convocatória para a Conferência.

Em Outubro, fiz seguir Holly Natxa para convocar os quadros da Ponta Leste.

Só em Janeiro de 1981, chegou o primeiro grupo com Hodu. Perguntei-lhe se estudaram e discutiram os pontos que eu mandara. "Reunimo-nos um dia em Legumau para o efeito, mas ...", lamentou-se.

Como eu podia conduzir uma reunião sem nenhum dos participantes estar preparado? Quanto tempo teriamos que levar, se o inimigo já nos incomodava? Os Centros deixaram de ser a 'zona segura', como Kilik e Olo Gari classificavam acusando-me de ter fugido da Ponta Leste por medo das batidas e exigindo para que eu lhes mandasse as armas para eles montarem uma base-fortaleza em Matebian, 'oferecendo-me' pistolas metralhadoreas em troca!

Tentei então ultrapassar aquela situação. Em combates e marchas, comecei então a escrever 'Pátria e Revolução' e a 'Temática da Guerra', para facilitar um estudo mais metódico do nosso próprio processo.

Eu assumira o Comando da Luta, na qualidade de Cmdt das Falintil. Tinhamos tido, antes da minha vinda aos Centros, pequenas discussões e reparava que eu não tinha o mesmo pensamento militar que o Kilik, mais agarrado aos grossos Manuais Militares portugueses. E era difícil a nossa aproximação. E percebi o porquê de não termos podido garantir uma defesa melhor de Matebian, no confronto terrestre, o porquê da inexistência de um Comando naquele período difícil, o porquê do escorraçamento das forças da ffloresta de Loré e o porque da tentativa de uma base em Matebian.

Não, eu deveria assegurar-me do Comando das Falintil, para evitar que fôssemos a aplicar métodos de guerra errados e éramos já tão poucos para se aceitar ... experimentações. Os poucos sucessos e os enormes insucessos dos três primeiros anos deviam ser suficientes para ganharmos correcção no pensamento.

Má Huno chegou com a segunda coluna de quadros. Fez-me uma continência que me pegou de surpresa. Eu esquecera por uns meses, a maneira de ser de Má Huno! À noite ou nos intervalos da minha tentativa de metodizar a compreensão sobre o nosso processo revolucionário e sobre a nossa guerra, eu ia ter com os quadros, que eram apenas do extremo Leste, com excepção de Mau Hodu.

Uma total mudança de atitudes que me entristeceram tanto!

Estavam a abandonar-me aqueles meus irmãos, estavam a colocar-me à distancia aqueles meus companheiros! Chorei tanto, enquanto lhes falava, enquanto lhes pedia o favor de não me estragarem, de não alimentarem em mim a presunção do poder, de não criarem na minha alma a semente da ambição e não incutirem no meu espírito o orgulho, a satisfação de ser líder e Cmdt das Falintil.

Em Março de 1981, a 1a. Conferência Nacional para a Reorganização do País. Até hoje, em Cipinang, 13 anos depois, continuo a aprender com o mesmo espírito de luta, com a mesma vontade de vencer e com a mesma consciência de que apenas sirvo a minha Pátria!

Cipinang, 30 de Setembro de 1994.-

XANANA

KAY RALA XANANA GUSMÃO
CMDT DAS FALINTIL

Dactilografado por,

João Freitas da Câmara

17:02 PM.
9/10/1994.-